BAPTISTA CEPELLOS

OS BANDEIRANTES

H. GARNIER
RIO DE JANEIRO

BAZAR DE PARIS
LIVRARIA E PAPELARIA
M. PONTES & C.IA
15, Rua Quinze de Novembro 15
SANTOS, BRAZIL

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OS BANDEIRANTES

OBRAS DE BAPTISTA CEPELLOS

A Derrubada, versos, 1895. (Exg.).

O Cysne Encantado, poema 1902. (Exg.).

Os Bandeirantes, versos, 1906.

Os Corvos, prosa, 1907. (Exg.).

Vaidades, versos, 1908. (Exg.).

O Vil Metal, romance, 1910.

A PUBLICAR

A Magdalena, drama biblico em tres actos, em versos.

BAPTISTA CEPELLOS

OS BANDEIRANTES

TERCEIRA EDIÇÃO

refundida e modificada

Com prefacio de OLAVO BILAC

E

Opiniões criticas de diversos escriptores

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1911

PREFACIO

PREFACIO

Não quero disfarçar o vivo gozo com que aceito o encargo de escrever algumas palavras no começo d'este livro. Apregoar o nome de um poeta, de um verdadeiro poeta, — não é satisfação que seja todos os dias concedida a um escriptor. Lendo os versos, quasi todos ineditos até hoje, que o publico vae agora ler, — tive um dos mais intensos prazeres da minha vida : senti-me em contacto com um espirito creador e original, que vae talvez rasgar um horizonte novo á nossa Poesia...

*
**

Quando se diz que a Poesia vae morrer, ou está morta, o que se quer dizer é que ella vae resurgir,

alimentada de um novo ideal, cheia de uma nova seiva, exuberante de mocidade e de frescura. Essa phrase quer apenas dizer : « a esthetica, que hoje possuimos, já não satisfaz ». A Poesia, que está morta ou vae morrer, é essa que a si mesma se repete, ha seculos, cantando os mesmos assumptos, celebrando as mesmas emoções.

A necessidade de uma nova esthetica é tão evidente, e de modo tão claro se affirma, que os poetas da Europa (sempre imitados por nós) começaram, n'estes ultimos annos, a versejar de uma maneira que horripilaria os velhos poetas classicos, — desconjuntando os versos, creando rythmos novos, quebrando os moldes consagrados, desprezando todas as imposições da metrica. Ha n'isso um equivoco deploravel; o que é preciso renovar e reformar não é a fórma : é a essencia. Pouco importa que os versos não sejam os mesmos, quando a mesma é a emoção que os anima. Uma velha ideia sempre será velha, — ou traduzida em decasyllabos classicos, ou formulada em linhas de prosa rythmica, sem a tyrannia das leis da metrificação.

A verdade é que os preconisadores do « verso livre » nada inventaram : as suas liberdades nada mais são do que o exagero das liberdades que já os romanticos e os parnasianos tinham inaugurado.

No que diz respeito á concepção, ao assumpto,

ás ideias inspiradoras, quasi todos elles ficaram fieis á velha esthetica; e os que quizeram produzir alguma cousa verdadeiramente nova cahiram no culto do estylo sybillino, torturado, rebuscado, incomprehensivel. Um dos « novos » da França, Camille Mauclair, confessou, ha pouco, que a sua geração ainda não descobriu um novo caminho : « *Je reste persuadé qu'il y a toute une beauté nouvelle à dégager, absolument distincte de celle qui nous contentait hier...* »

Ora, comprehende-se facilmente que na Europa, nas velhas nações hyper-civilisadas, cuja historia e cuja alma já teem sido em todos os sentidos exploradas e estudadas, não possa um poeta encontrar essa « nova belleza », que Mauclair deseja ver revelada. Para os poetas de lá, á falta de novidade historica ou ethnologica, só pode haver a novidade que esse mesmo escriptor lhes indica : a sciencia e o conflicto social. Mas o que se não comprehende é a estagnação em que ficou a poesia brasileira. A nossa historia, a nossa constituição de povo, o acordar e o crescer da nossa raça são ainda hoje campos virgens, que nenhum poeta revolveu nem fecundou.

No meio do seculo passado, a escola de Gonçalves Dias reagiu contra o classicismo, e descobriu um veio novo, de ouro legitimo, na mina da poesia : o indianismo, a vida selvagem, o infortu-

nio do incola perseguido e victimado pelo europeu. Essa invenção foi tão feliz, e veiu de tal modo influir sobre o espirito litterario do paiz, que é preciso assignalal-a como o verdadeiro inicio da nossa litteratura poetica : nós só principiámos a ter poesia « nacional » em 1846, anno em que foram publicados os « Primeiros Cantos » de Gonçalves Dias.

Mas o indianismo representou o papel que devia representar, e desappareceu. Os poetas, que vieram depois, deixaram perder-se no amago da rocha o rico filão descoberto pelo cantor de « I-Juca-Pirama ». Só nos versos de Castro Alves, de Ezequiel Freire, de Bruno Seabra, de Joaquim Serra, de Juvenal Galeno, de Alberto de Oliveira, e de poucos outros, se encontra depois de Gonçalves Dias algum « nacionalismo » : esse « nacionalismo », porém, é apenas descriptivo, rustico e lyrico. Ainda não appareceu o poeta da nossa Historia...

Claro está que o indio já não póde nem deve ser aproveitado, como o aproveitou Gonçalves Dias : o indio é um elemento ethnico que desappareceu. E não se póde tambem exigir que os nossos poetas cantem a idade contemporanea, que é prosaica e semsabor. Mas o periodo historico da exploração e do povoamento dos sertões é uma phase epica, que reclama o seu poeta... Camillo Mauclair, se vivesse aqui, não careceria de aconselhar aos versejadores

novos, como unico assumpto inexplorado, o estudo da sciencia e do conflicto social.

*
**

Baptista Cepellos parece-me ter adivinhado ou descoberto um caminho novo. Comprehendendo a poesia d'essa éra de aventuras e de perigos, emprehendeu cantar a ousadia d'esses aventureiros, d'esses heróes, cuja coragem João Ribeiro, o nosso poeta historiador, tão bem soube definir n'estas poucas linhas expressivas : « Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação, que é quasi fatalista, e a sobriedade levada ao extremo : os que partem não sabem se voltam, e não pensam mais em voltar aos lares; as provisões que levam apenas bastam para o primeiro percurso da jornada : d'ahi por diante, tudo, entregue á ventura, é enigmatico e desconhecido... »

Dos bandeirantes do seculo XVII, alguns aqui estão, nas paginas d'este formoso livro, vivendo a vida intensa que o talento de Baptista Cepellos lhes restituiu, com o auxilio de uma arte forte.

O livro, porém, não é apenas a apologia dos aventureiros conquistadores do sertão. Toda a

alma da terra paulista estremece, vibra, e canta nos versos d'este poeta paulista. As paizagens da terra do indio Tybiriçá são aqui amorosamente pintadas; as evocações historicas avultam e palpitam, animadas por um espirito apaixonado e terno.

Este é, em summa, um livro, que se não confundirá com o commum dos livros de versos; é o livro de um legitimo, original, e excellente poeta, a quem tenho o orgulho de saudar em primeira mão.

Rio de Janeiro, 1 dezembro 1905.

OLAVO BILAC.

PROLOGO

PROLOGO

Na existencia de um povo ha um momento da Historia,
Em que, para fugir ao mesquinho presente,
O poeta, que nasceu fadado para a gloria,
Rasga um novo horisonte e caminha na frente!

Desdenhando do amor a paixão transitoria,
Que tem a duração de uma edade somente,
Minha Musa prefere evocar a memoria,
Os feitos e as acções, que honram a nossa gente.

Assim, para esquecer os meus dias escuros,
Mergulhei no passado, e vivi no passado,
Sentindo e respirando outros ares mais puros...

Alfarrabios abri, pelas velhas estantes,
E logo me surgiu, num plano illuminado,
Aquella geração de illustres Bandeirantes!

A MATTA VIRGEM

Musa, vamos sentir a poesia severa
Da selva americana, onde o jaguar impera,
E onde se pode amar a forte Natureza,
Na sua mais completa e soberba grandeza!
Entremos. Tudo dorme, entre as columnas graves,
Envolto na penumbra imponente das naves;
E, como procurando impedir nosso passo,
As largas folhas têm uma dureza de aço!
Apesar disso, adeante. Eis um trilho perfeito,
Que bem nos pode guiar, embora seja estreito:
Enfiemo-nos por elle, através desses troncos,
Que não podiam ser mais altos nem mais broncos!
Perder-se é naufragar. Attenção e cautela.
Que seria de nós, sem bussola e sem vela,
Na glauca vastidão desta immensa folhagem,
Que treme, a se estorcer, numa gula selvagem?!

Estamos, afinal, em pleno labyrintho.
Ouves? Começa mal! Um barulho distincto...
Com certeza é algum tigre ou alguma serpente,
Que vem se approximando, astuciosamente...
Escuta a orchestração das aves. Maravilha!
Estão os tangarás dansando uma quadrilha:
Vão de cá para lá, num movimento airoso,
E sôa, ao mesmo tempo, um canto melodioso...

Mas vamos proseguindo a nossa marcha ávante.
Em vão! surge o embaraço, e a gente, a cada instante,
Sente um rispido espinho as carnes arranhando,
Como a invisivel mão de um gato, agatanhando...
Atrôa, de repente, uma algazarra bruta,
Medonha como a vóz de um mar bravo que lucta,
Batendo os vagalhões, entre gritos e chascos,
De encontro á solidez antiga dos penhascos!
E' uma grande cachoeira, a rolar de uma altura
Que a gente, só de ver, quasi cái de tontura!
Ergue-se, em derredor, um nevoeiro immutavel,
Como a respiração de um monstro formidavel,
E o sol, entre essa nevoa, irradiando em fulgores,
Fal-a tremeluzir, bordada a sete côres...
As aves, presentindo uma inferneira destas,
Retrocedem com medo, apressadas e lestas...
E a agua jorra tão clara e borbulha tão clara
Como o corpo gentil de uma deusa preclara...

E sente-se um desejo, uma febre inaudita
De alli ficar, saciando uma sêde infinita
E a ouvir a agua cantar á altura do pescoço,
Emquanto róla e tomba e retumba o colosso!

Contemplemos, em torno, a paizagem robusta:
E' tão grande, que esmaga; é tão forte, que assusta!
Figueiras colossaes, cujo toro é tão bruto,
Que, estendido no chão, como um vasto aqueducto,
Pode um carro de boi com tres juntas possantes
Passar por cima delle á vontade. Alarmantes
Paus d'alho, cuja fronde é o mais firme dos tectos,
Grande para acampar dois batalhões completos!
Vês uma arvore, além, dominando no espaço?
Pendem da sua copa, através do embaraço
Dos ramos, os cipós, cruzando fio a fio:
E o tronco, assim, parece o mastro de um navio...
Pendentes dos cipós, os macacos em bando
Pulam com pé veloz, descaindo ou grimpando...
E é o mesmo que se vêr, num porto de paragem,
O lesto manobrar da lesta marinhagem;
E, emfim, para tornar completa a semelhança,
A grande arvore, em cima, o topete balança,
E, em baixo, densa e unida, a frondagem viçosa
Se estende, a bambolear, pesada e preguiçosa,
E em tudo parecida a um vasto e verde oceano,
Que ondeia no languor de um repleto ophidiano...

Ainda vai alto o sol. A tarde é muito longa.
Por isso, emquanto além a estridente araponga,
Do cimo de um ipê, que de flôres se adorna,
Grita, como a bater numa ferrea bigorna,
Sentemo-nos aqui, nestas velhas raizes,
Para viver com Deus umas horas felizes...
Apraz-me a solidão e o silencio fecundo
Da matta, aonde não chega a vóz torpe do mundo.
Livre como um falcão, rebelde como o vento,
Num surto rijo e audaz, sólto o meu pensamento,
E sinto na cabeça uma nova scentelha,
E, no sangue, a explosão de uma aurora vermelha!
Incham-se-me os pulmões num folego de Homero!
E, emquanto o coração pulsa firme e sincero,
E' grato alevantar os olhos para cima,
Vaticinando o bem da hora que se approxima
E, á larga, pincelando, a tintas victoriosas,
Um quadro em que se beba a frescura das rosas...

Todo o homem pensador, desde remotos dias,
Sabios como Platão, prophetas como Elias,
Foram fitar a luz do cimo dos Horebes,
Longe das seducções e do rumor das plebes!
Assim, bem conhecendo o barro de que é feito
O triste coração do homem, tigre perfeito,
Jesus, que tinha o arvor de um casto lirio aberto,
Foi se purificar no seio do deserto!

E era de fronte ao céu, nos jardins em socegos,
Que jorrava o saber dos philosophos gregos,
Semeando a luz da sciencia á luz do sol amigo,
Como um bom lavrador que semeia o seu trigo...
O homem, para caldear a fibra da Vontade,
Dizer algo de novo á velha humanidade,
E' preciso fazer como São João Baptista
E afiar na solidão a espada da conquista,
Comer do negro pão, beber da amarga esponja,
Fechando o sentimento á vaidade e á lisonja!

Quantas claras lições, seculos de trabalhos,
Não estão a pingar destes recurvos galhos,
Quem sabe? Desde Adão, o homem, desde a innocencia,
Na arvore tem colhido o bom fructo da sciencia,
Pois numa folha secca ou num ramo que estala,
Semelhante a uma vóz conhecida que fala,
Ou no simples cahir de uma fructa madura,
De repente uma lei do Universo fulgura...
Assim Newton, deitado á sombra da macieira,
Tem a revelação de uma theoria inteira
Numa podre maçã, que, num dado momento,
Lá de um ramo cahiu, á passagem do vento...

Na matta, o que nos causa um grande extase mudo
E' o contraste violento, a resaltar de tudo!

Ao tronco mazorral das rudes perobeiras
Se abraçam gentilmente as leves trepadeiras;
Ou balançando o seu thuribulo de incensos,
Num ramo secular, dos mais fortes e immensos,
Vê-se uma orchidea em flôr, como um labio em desejo,
Aberto na sensual exigencia de um beijo...
Sôa surda e subtil, num sussurro em surdina,
Espalhando um languor que adormenta e fascina,
Uma ronda febril de paes de mel, em torno
Da flôr, cujo nectario exhala um cheiro morno...

Outro quadro, talvez dos mais interessantes:
Duros troncos brutaes, grossos como elephantes,
Esparramam na altura a intonsa cabelleira,
Em que, parasital, se emmaranha a cipoeira,
Espessa como a arcada antiga de um convento,
Ao ponto de tapar o azul do firmamento!
Entre esse esmagador edificio, uma brecha
De repente se faz—e a fragil, fina flecha
De uma palmeira sobe, elegante e roliça,
Meneando lentamente a fronde que se erriça,
Ao lento bafejar da brisa que a balouça,
Airosa e feminil como um leque de moça...
Por vezes, de uma rocha, emperrada e cinzenta,
Uma fonte, a cantar, crystallina rebenta
E vai-se desatando, através da espessura,
Num sereno collar de agua limpida e pura,

Onde, ás tardes de anil, desce a beber o mico,
E o passaro mergulha o delicado bico...

Lamento não poder, como um caboclo forte,
Que sorri no perigo e peleja até á morte,
Rasgar nestes sertões, desde o valle ás montanhas,
Um sulco triumphal de soberbas façanhas!
E, logo ao entreabrir da flôr da madrugada,
Ir surprehender o tigre e o sanhudo queixada,
E, pondo-lhes no encalço a matilha faminta,
Sopesando a espingarda, o facão preso á cinta,
Bater o mattagal, correr leguas e leguas,
Empenhado no ardor de uma lucta sem treguas,
E a soprar fortemente uma cornea buccina,
Para açular os cães no furor da chacina!
E só voltar á casa, esperto e satisfeito,
Quando a tarde cahir, num silencio perfeito,
Envolvendo as rechans, os caminhos e as fontes
Nessa bruma subtil, que esfuma os horisontes...

Então, a despedir as derradeiras queixas,
O passaredo canta as mais suaves endeixas,
E o sapo feiarrão, na lagôa em que assiste,
Martella tristemente o seu compasso triste...
E a noite cai, por fim.

Vem nas aragens finas
Um perfume sensual de hervas e de resinas
Que o sol amachucou durante o dia inteiro.
Ai! sente-se um languor, respirando esse cheiro,
Como si a nossa fronte, a pender de cansaço,
Rolasse com prazer na quentura de um braço!
Dahi a pouco, apparece a lua branca e plena,
Que fica a rebrilhar, sonhadora e serena,
Acima de um granito, onde irradia tanto,
Que lembra um resplendor á cabeça de um santo...

Mas eu não tenho a fibra e o instincto de uma fera,
De um cego destruidor que mata e dilacera,
Deixando em seu caminho, em cada pedra e arbusto,
O sangue e a maldição, o desespero e o susto!
Quero, por onde passe, a caricia dos ramos,
A pureza da fonte e a vóz dos gaturamos;
Quero beber a côr na viçosa frescura
Do verde que sorri, no meio da verdura,
E escutar em silencio o zumbir de um bezouro,
Bailando á luz do sol, catasolado de ouro...

Borboletas azues como os olhos bemditos
Que têm a vastidão e a côr dos infinitos,
Borboletas azues, meu olhar é a criança
Que corre atraz de vós e debalde se cança!

Quero que não temais assim minha presença :
Venha uma só de vós e aqui fique suspensa,
Neste galho, a tremer, como um laço de fita
Que se vê palpitar numa trança bonita;
Quero o beijo da flôr, que descança pendida,
Quero, em summa, viver na communhão da vida,
Nas attracções do amor, que é a suprema belleza,
Amando a rosa e o musgo, amando a Natureza,
Que me não póde amar, porque me não comprehende
Mas a quem meu amor fortemente me prende!

Contemplo como artista e adoro como poeta,
De quem a solidão é a musa predilecta,
A selva secular, no seu viço perenne,
Ou envolta no véu de um mysterio solenne.
Muitas vezes, a sós, neste ambiente velado,
Eu fico a meditar nas cousas do Passado,
E, a uma restea de luz, que á ramagem colora,
Eu vejo de repente un phantasma de outr'ora...

Matta virgem! aqui, foi o enorme scenario
Em que, na inspiração de um sonho extraordinario,
Sulcaram sem descanço as Bandeiras Paulistas,
Na heroica e pertinaz façanha das Conquistas!
Foi aqui, no sertão, que o Bandeirante calmo
Dia a dia luctou e venceu palmo a palmo,

Dobrando a secular floresta brasileira,
Como um vento que dobra uma seara ligeira,
E abrindo com denodo, á geração futura,
Um caminho de luz através da espessura!

O CONQUISTADOR

I

Por selvas nunca dantes palmilhadas,
As famosas *Bandeiras* de paulistas,
Ao sôpro de ambições alevantadas,
Marchavam de conquistas em conquistas;
E o pico das montanhas agulhadas,
Desafiando os valentes sertanistas,
Como um dedo de pedra, no ar suspenso,
Era a baliza do sertão immenso.

2

Para narrar a sobrehumana empreza
Daquelles destemidos corações,

Ora busco uma nobre singeleza,
Ora calço os cothurnos de Camões;
De maneira que a lingua portugueza,
Numa orchestra de intensas vibrações,
Cante no bronze do meu verso ufano,
Como canta no verbo de Herculano!

3

Ah! patria brasileira! hoje figuras
Na vanguarda do Novo Continente,
E, esquecendo o passado, não procuras
Honrar o nome dessa heroica gente,
Que te arrancou das verdes espessuras,
Como o mergulhador, no mar do Oriente,
Afunda, a se bater de fragua em fragua,
E uma perola arranca á tona d'agua!

4

A ingratidão e a inveja (homens mesquinhos!)
Sempre hão de ser o tragico laurel,
Que á fronte de Jesus cobre de espinhos
E á bocca da Verdade enche de fel;
Deixa Homero a vagar pelos caminhos,
No abandono da sorte mais cruel,

E faz com que Scipião um dia exclame :
« Não te lego os meus ossos, patria infame ! »

5

Mas si os homens vos negam monumentos,
Meus illustres Avós conquistadores,
Semearei vossa fama aos quatro ventos,
Na forte envergadura dos condores,
E quem lêr estes versos marulhentos
Ha de ouvir um marulho de tambores
E ha de enxergar, como no tempo helleneo,
A gloria em tres relampagos de genio!

6

Si ha um primeiro logar nesta epopéa,
Cabe a Antonio Raposo esse logar,
Que entre os vultos da heroica Paulicéa
Se destaca, brilhante e singular :
Bem merece, de facto, uma odysséa
Esse glorioso luctador sem par,
Que, espalmando em S. Paulo as azas grandes,
Vai pousar no pinaculo dos Andes!

7

Affrontando á serpente e á sussuarana,
Mergulha na espessura das ramagens,
E, na gloriosa Reducção Indiana,
Vence e reduz mais de cem mil selvagens;
Depois, no ardor de uma bravura insana,
Eis que invade o Perú, fórça passagens,
Extermina hespanhóes e, ousadamente,
Prosegue na jornada para a frente!

8

Da Natureza as rigidas entranhas
Rompe, como um feroz desvirgador,
E emquanto, do cabeço das montanhas,
Lança em tôrno um olhar dominador,
Planeja novas luctas e façanhas,
Afiando as garras de conquistador:
Até que surge nas remotas zonas
Onde correm as aguas do Amazonas.

9

E eil-o, numa jangada perigosa,
Sobre aquella maritima planura...

Guaia-lhe aos pés a musica horrorosa
Dos crespos vagalhões de immensa altura,
E o heróe, de pé, numa attitude airosa,
Não vacilla, não treme, não murmura,
Mas, como um novo Ulysses, calmo e attento,
Deixa que ruja o barbaro elemento!

10

Voga, valsando á vóz da ventania,
A rude embarcação. Ora um boléu
Atira-a aos dentes de uma penedia,
Ora a espuma a recobre, como um véu.
E o tempo vai passando, dia a dia,
Emquanto, num medonho macaréu,
A agua, rasgando as abysmaes entrahas,
Vai parindo montanhas e montanhas!

11

Por vezes, de entre um bosque ramalhudo,
Que, junto ao rio, como um rio ondeia,
Feios selvagens de quadril desnudo,
Manejando uma flecha, que se arqueia,
Olham em roda, examinando tudo...
E, na praia, se arrasta, sobre a areia,

Enchendo o chão de riscos e de rugas,
Uma frota de enormes tartarugas!

12

Agora, numa enseada liza e mansa,
Em que se espelha o firmamento azul,
A jangada, pacifica, descança;
Em tôrno as vagas, num vaivem taful,
Atiram flôres, sacudindo a trança;
E, alta, cortando o céu, rumo do sul,
Como um desenho sobre talagarça,
Passa uma triste e solitaria garça...

13

A jangada prosegue. O Sertanista
Passeia ao longe, como um leão sereno,
A deslumbrada, a cobiçosa vista...
Ah! rio colossal, ainda és pequeno
Para o seu grande sonho de conquista,
Que, num pujante e sacudido aceno,
Como um vasto pendão que se desfralda,
Abrange esse infinito de esmeralda!

14

Erra no ambiente essa melancolia
Que soffre a Natureza tropical,
A' quente vibração do meio-dia...
As proprias ondas, num languor geral,
Arrebentando com monotonia,
Como que sentem um quebranto egual:
E' a saudade, talvez, daquelles montes
Em que nasceram-pequeninas fontes...

15

Victorias régias, de um matiz ardente,
Entre um gracioso circulo de espumas,
Passam boiando, victoriosamente...
Trinçam gaivotas, sacudindo as plumas...
E muito longe, no rubor do poente,
Volteiam vagas, vaporosas brumas...
E tomba o sol, como um zimborio que arde,
E abre-se a lua, como um lirio á tarde...

16

Um silencio vastissimo e profundo
Vai-se extendendo pelo espaço além...

Como que se ouve o coração do Mundo
Soltar queixumes, palpitar tambem ;
E até o grande Amazonas iracundo
Soffreia as aguas, o furor contém,
E eil-o, na praia, compungido e brando,
Um rosario de perolas desfiando...

17

Noite. Na vastidão do céu immenso,
Entre ondulantes nebulosidades,
Sobe disperso um vaporoso incenso,
Que, nimbando as ethereas claridades,
Anda sem rumo, pelo azul, suspenso,
Como um longo suspiro de saudades...
Nesse momento, o olhar do Aventureiro
Longamente se crava no Cruzeiro.

18

Oh ! eloquencia sem verbo, alta e tranquilla,
A desses olhos em contemplação !
A sua alma arrebenta-lhe á pupilla,
Num vibrante transporte de paixão !
E' que perante o seu olbar desfila
O porvir da sonhada Promissão,

E, aos bafejos da gloria e da esperança,
A bandeira da patria se embalança...

19

Assim, vencendo as aguas marulhantes,
Aporta em Gurupá, onde em festejos
E' recebido pelos habitantes;
Alarmam-se em redor os sertanejos,
Ouvindo peripecias retumbantes,
Cortadas de tão bellos relampejos
De bravura, de força, de ousadia,
Que a verdade parece phantasia!

20

E, novamente, o pertinaz matteiro
Penetra nos profundos mattagaes...
Oh! sangue de Paulista, aventureiro,
Que mais deseja quanto alcança mais!
Tantas vezes é feito prisioneiro
Pela corja dos indios cannibaes,
Porém, mais forte que um pau d'alho antigo,
Não se deixa esmagar pelo inimigo!

21

Debalde o enfurecido matto grosso
Procura castigar-lhe o atrevimento,
E, como o Adamastor, ergue o pescoço
Um monte, que faz sombra ao firmamento :
O Paulista lá vai, dobra o colosso,
Norteado por um forte pensamento,
E elephantinamente ergue a cabeça,
E rasga o seio da floresta espessa!

22

Fura a garganta dos despenhadeiros,
Em cujos pavorosos solapões
Rolam rugindo rapidos ribeiros,
Espadanando as aguas em cachões!
Outras vezes, encontra, hospitaleiros,
Sitios amaveis como corações,
Onde, em gostosa languidez, dormita,
Como num collo de mulher bonita.

23

Linda é a luz da manhã, doirando as mattas,
Accendendo os orvalhos matutinos

E irisando o respiro das cascatas.
Hymnos de vida, luminosos hymnos
Sobem da terra, em melodias gratas,
Como um sonoro bimbalhar de sinos,
E o heróe medita, ebrio de luz e aroma,
Em cidades maiores do que Roma!

24

Aves adejam, sacudindo as pennas,
Numa bizarra ostentação de côr,
Dizendo, em suas modulas avenas,
Sentidas queixas de maguado amor;
E as borboletas, par a par, serenas,
Curvelineando vão de flôr em flôr,
Por entre os galhos que, em febris adejos,
Como que trocam delirantes beijos!

25

Sob a cupula enorme da espessura
(Tanto uma copa de outra se approxima)
O olhar se perde na ramada escura;
E ah! que prazer, como não ha o que exprima,
Quando a pezada aboboda se fura
E uma nesga de céu fulge lá em cima,

De um azul tão mavioso e transparente
Que o olhar o bebe demoradamente!

26

Mas, de noite, ha um momento de tristeza,
Quando Raposo e os companheiros, sós,
Em meio á adormecida Natureza,
Ouvem o pipillar dos curiangós:
Crepitam brazas, na fogueira acceza,
E elles, ouvindo essa dolente vóz
Cortar a solidão do acampamento,
Volvem para bem longe o pensamento!

27

Então, para entreter a nostalgia,
Emquanto as chammas dançam na fogueira,
Todos elles relatam, em porfia,
Historias dessa marcha aventureira...
Assim, desponta o rosicler do dia
E a luz vai penetrando na clareira,
A luz, beijo de Deus, que a vida encerra
E faz pulsar o coração da Terra.

28

E quando o sol, em pleno céu, dardeja,
Em sua immensa gloria tropical,
Já a valente companha sertaneja
Leguas atravessou de mattagal.
Oh! gente, em cujo sangue arde e lateja
Uma forte consciencia nacional,
Altiva, reservada, calculista,
Segundo a nobre sizudez paulista!

29

Não ha perigos, intemperies, nada
Que os detenha na rota triumphante;
Si uma grande montanha ergue a cumiada,
Ao longe, desafiando o céu radiante,
« Adeante! » — o chefe destemido brada,
E a *bandeira* prosegue para deante,
E a alta montanha, que no azul se alteia,
Calcam, em breve, como um grão de areia!

30

E assim vencem. Por certo que ha um segredo
Nessas feituras immortaes, que até

Dão a idéa de um mar e de um rochedo
Posto no mar, gloriosamente em pé!
Causam deslumbramento e causam medo
A' minha geração de pouca fé
Esses homens de egregia heroicidade,
Cuja força reside na vontade!

31

E um dia (são passados tantos annos!)
Chega Raposo á patria bemquerida,
Mas, na fronte e no olhar, revela os damnos
Da sua errante e trabalhosa vida!
Partiu moço e gentil, cheio de enganos,
E em decadencia tal volve da lida,
Que até mesmo os parentes, nesse instante,
Desconhecem o velho Bandeirante!

32

Emfim, Conquistador de immenso porte,
Na terra do teu berço fica em paz!
Quem tantas vezes desafiou á morte
E nunca soube dar um passo atraz,

Quem segue um sonho assim, masculo e forte,
Executando um pensamento audaz,
Foi grande, na terrena trajectoria,
E para sempre viverá na Historia!

A PARTIDA DA MONÇÃO

Abre-se, como um lirio, a manhã vaporosa...
Aos poucos, vão surgindo, em vago lineamento,
As montanhas, além, num fundo côr de rosa,
Que ourela a fimbria azul do claro firmamento.

Eil-os que vão partir : é chegado o momento,
E cada embarcação parece uma ave anciosa,
Sacudindo á caricia amoravel do vento
A vela que espanneja, ufana e aventurosa!

Eil-os que vão partir, os ousados paulistas,
Rasgando nos sertões um sulco de bravura
E desfraldando no ar o pendão das conquistas!

E, serena, do céu, entre as nevoas espessas,
Desce a luz da manhã, como a bençam da Altura,
Nimbando-lhes de gloria as altivas cabeças!

O ANHANGUERA

Passando a vida inteira em pleno mattagal,
Bronzeado pelo sol da zona tropical,
Foi Bartholomeu Bueno um terrivel matteiro
De genio folgazão e sangue aventureiro,
Que, para dominar o gentio e o sertão,
Tinha a astucia de um tigre e a bravura de um leão.

Assim foi que, vencendo á Natureza bruta,
Affeito á sensação do perigo e da lucta,
Destemido, affrontando o jaguar e o urutú,
Nas barbaras regiões do Sabarábussú,
Onde cada ribeiro arrastava um thesouro,
Jorrando e borbulhando em catadupas de ouro,
Ergueu a sua tenda em varias direcções,
E, como um semeador de novas povoações,

Por onde elle passava e a sua tenda erguia,
Uma cidade em flôr, de repente, surgia...

Certa vez elle foi, numa conquista audaz,
Chefiando uma *bandeira,* em rumo de Goyaz;
E, depois de varar medonhas solidões,
Com grande soffrimento e grandes privações,
Chegando a uma figueira, arqueada como um forno,
A companha fez alto e derramou-se em torno...

E os destemidos peões, como num bom quartel,
Acamparam; porém, a noite foi cruel:
No céu, calamitoso, um trombazio arrebenta,
E, aos riscos de fuzis, desaba uma tormenta!
E elles, prezos alli, naquelle ermo logar,
Tinham a sensação de um naufragio no mar,
Sob um vento feroz, no meio de alaridos,
Ao roufenho ranger dos mastros abatidos!
A noite foi cruel.

Molhados, semi-nús,
Assim que no arredor cantaram os urús,
E vinha a madrugada, esplendida e formosa,
Enfiando na clareira os dedos côr de rosa,
E tudo despertava, alegre e juvenil,
Desde a múrmura fonte ao passaro gazil,

Ergueram-se os heróes; indagaram da altura;
E romperam de novo, através da espessura.

Já o tempo estava lindo: a manhã rosicler
Tinha o aroma e o calor de um seio de mulher.

Poucos passos adeante, alguma cousa vôa...
Subitamente, zás! um sêcco silvo sôa,
E passa como um vento uma setta veloz!
De repente, os rodeia uma tribu feroz!
Tiros partem, rasgando as virentes ramagens!
Mas, num formigamento, a chusma de selvagens
Fórma um cêrco apertado—um nó de sucuri—
E enlaça a Expedição, que ha de ficar alli!
Assim Bartholomeu é feito prisioneiro;
Mas, sem desanimar, o terrivel matteiro,
Perante o babaréo dos feios cannibaes,
Que afiavam a dentuça em risadas bestiaes,
De prompto, lança fogo a um barril de aguardente;
Uma explosão ribomba e uma chamma imponente
Irrompe, estralejando e serpenteando no ar!
E os barbaros, ouvindo aquelle trovejar
E vendo o feiarrão Bartholomeu, a prumo,
Surgir, como um Satan, de uma nuvem de fumo,
« Anhanguera! » « Anhanguera! »—eis o grito de horror,
Que vai de bocca em bocca, espalhando o terror!

Desse modo salvou a gloriosa *bandeira*
O heroico batedor da terra brasileira,
Que, para dominar o gentio e o sertão,
Tinha a astucia de um tigre e a bravura de um leão!

O TIETE'

De tarde, quando o sol poucos brilhos expande,
Sósinho, a meditar em tanto não sei quê,
Tomo o rumo da Luz, vou ate á Ponte Grande,
Afim de conversar com o meu velho Tietê...

A cabeça recosto, e, por cima da grade,
Vejo as aguas em todo o seu largo trajecto;
Então, elle me conta a historia da Cidade,
Como um velho guerreiro a distrahir o neto...

Cofiando lentamente a barba de cem annos,
O bom velho me conta essa historia, e tambem
Fala do tempo de hoje e dos seus desenganos,
Mas não fica zangado e não xinga ninguem.

Refere-se ás Monções que elle, soberbamente,
Tantas vezes levou, na faina das conquistas,
Escutando pulsar o coração valente
Daquella geração de valentes paulistas!

Tempo em que, num tropel, num bizarro alvoroço
De armas e embarcações, como agora não ha,
Partiu para o sertão, rumo de Matto-Grosso,
Paschoal Moreira, fundador de Cuyabá.

E a Cidade crescia. Ora os paes em que pensam?
Elle, vendo-a crescer, dava-lhe mais ternura,
Quando a filha jovial vinha pedir-lhe a bençam;
Mas agora cresceu; nunca mais o procura!

E, por isso, arrastando o lamento das aguas,
De parcel em parcel, de cachão em cachão,
Vai levando no seio outro rio de maguas,
Ao qual não sobredoura a espuma da illusão.

Meu ingenuo Tietê! o progresso o apavora!
Por toda a parte vê traves e encanamento,
E, por isso, a tremer, todo nervoso, implora
Que lhe não vão tapar o azul do firmamento!

Que importa a ingratidão da Cidade querida,
Que, de longe, lhe mostra os altivos torreões?
Emquanto elle tiver uma gotta de vida
Ha de beijar-lhe os pés, cheio de commoções!

Tem saudades tambem o desditoso Rio!
E então a sua vóz é de cortar rochedo,
Quando, quasi a chorar, num longo murmurio,
Começa a recitar Alvares de Azevedo!

Muitas vezes aqui, sob a calma divina
De um divino luar, candido como un véu,
Castro Alves, levantando a cabeça leonina,
Se punha a interpellar as estrellas do céu!

Mas agora só escuta uma horrenda algarvia,
No barbaro vozéo dos bandos invasores.
Oh tempos de Albuquerque! oh pobreza e alegria,
Quando Piratininga era um cabaz de flores!

Então, remos ao léo, descia a serenata,
Em macio languor, em macio languor...
E uma vóz de mulher, como um jôrro de prata,
Espalhava no ambiente um queixume de amor.

A' margem da corrente, uma gostosa sombra
Descia dos bambús, arqueados de indolencia;
E dois noivos, alli, na doçura da alfombra,
Abriam a alma em flôr, como um vidro de essencia.

. . . . . .

Antes nunca deixasse o veio transparente
Em que um dia nasceu e até hoje bemdiz!
Ah corrente fatal! ah teimosa corrente,
Que o fez grande de mais para ser infeliz!

S. PAULO ANTIGO

Minha terra famosa como Athenas,
Ninho altissimo de aguias e condores!
Doce patria das languidas morenas,
De Bandeirantes e Conquistadores!

Filha de Anchieta a balbuciar no seio
De soturnas muralhas religiosas,
Foi teu berço uma egreja, erguida em meio
De virentes palmeiras acenosas...

Assim nasceste nesses tempos idos,
Quando, pelo sertão mettendo a testa,
Catechistas e Infantes aguerridos
Marinhavam no oceano da floresta.

Daqui, na irradiação de um sol a pino,
Teu genio se espalhou de sul a norte ;
E, ao progresso immortal erguendo um hymno,
Fundavas um paiz immenso e forte!

Extincta geração! — homens d'antanho,
Cuja fama, sem macula nos chega!
Infelizmente, este servil rebanho
Nem póde comprehender vossa alma grega!

Emfim, é sempre doce e confortante
Recostar a cabeça pensativa,
E vêr passar, num sonho deslumbrante,
Uma gloriosa imagem rediviva...

Eevoquemos, portanto, a Paulicéa
Daquelles dons senhores arrogantes,
Cujos nomes preclaros dão idéa
De um sangue azul em pulso de gigantes!

S. Paulo dos violões de rua en rua,
Soluçando uma toada merencoria...
E Castro Alves gritando, á luz da lua :
« Oh, Liberdade! oh, Ponte Grande! oh, Gloria! »

Cidade parnasiana! Moços poetas,
De basta cabelleira desgrenhada,
Ficam de sob as gelosias quietas,
Cantando o nome da mulher amada!

E Alvares de Azevedo, sorvo a sorvo,
Bebendo o spleen de uma tristeza eterna,
Frequenta a cova lobrega do « Corvo »,
Onde imagina as « Noites na Taverna. »

Cidade de estudantes, gravemente
Sobraçando um massão de leis antigas,
De dia — attentos á licção do lente,
De noite — em serenatas e cantigas...

Oh! Cidade de bohemios pittorescos
Envolvidos em capas e mysterios...
Vultos que noctambulam, donjuanescos,
Através de jardins e cemiterios...

S. Paulo da garôa peneirante :
Um pallido lampeão ao longe brilha ;
Range uma portinhola e, ao mesmo instante,
Escorrega uma sombra de mantilha...

Uma canção de amor, num sonho leve,
Enche de languidez a noite fria...
Nisto, se abre uma rotula, de leve,
E um claro rosto de mulher espia...

Então, meiga Cidade da pureza,
Sobre a collina, como um lirio branco,
Eras um berço de ouro, uma belleza :
Ruas tortas, casinhas no barranco...

Hoje, S. Paulo meu, não ha terreno
Que te baste, no ardor com que te expandes...
Mas ai ! quando tu foste assim pequeno
Como os teus grandes homens eram grandes !

OURO PRETO

O bandeirante paulista Antonio Dias de Oliveira descobriu Ouro Preto a 24 de Junho de 1698.

Ouro Preto famosa entre as cidades,
Quem te olvidara os feitos eloquentes,
Si, á proporção que fogem as edades,
Como que se nos tornam mais presentes?

Ora é Dirceu, que, cheio de anciedades,
Beija a Marilia as alvas mãos trementes...
Ora é o sangue jorrando claridades,
Da cabeça immortal de Tiradentes!

Paizagem feita a martelladas duras:
Tropeça o nosso olhar de monte em monte,
Antes que vá perder-se nas alturas!

E, sombreando o painel das serranias,
Surge o Itacolomi, que, no horisonte,
E' como o pedestal de Antonio Dias!

A ALMEIDA JUNIOR

Na tela viva, que morrer não ha de,
Com delicado escrupulo de artista,
Teu pincel, num flagrante de verdade,
Soube reproduzir a alma paulista.

Aqui, nuns olhos, onde amor suspira,
Vemos saudades; alli, vemos essa
Santa simplicidade de um caipira,
Sentado, a picar fumo, na tripeça...

Outras vezes, porém, de gran cothurno,
Evocas a epopéa Bandeirante,
E toda a chamma do hemispherio diurno
Canta nas azas da manhã brilhante!

Vai partir a Monção. Na agua do rio,
Coalham-se embarcações para a derrota.
Longe a bruma se esgarça e, fio a fio,
Vai subindo á feição de uma gaivota...

Dois noivos abraçados, num tumulto
De sentimentos, beijam-se na fronte,
Emquanto um veterano alteia o vulto
E, calmo como um leão, fita o horisonte...

No borralho de um fogo, já em consumo,
Um tição meio acceso bruxoleia...
E, numa fina fita, um fino fumo,
Numa espiral tranquilla, serpenteia...

E, dominando a circumfusa gente,
Que apressada se move e se ataranta,
Num plano superior, distinctamente,
A figura de um padre se levanta...

Certo, a bençam de Deus é indispensavel
A esses nobres varões de erguido porte,
Que, entrando pela selva descaroavel,
Têm de affrontar mais de uma vez a morte!

Assim, vencendo multiplos rigores,
Fortes na fé, que alicerceia os mundos,
Em breve, esses audazes sonhadores
Irão rompendo os mattagaes profundos...

Depois, nas tintas da paizagem presa,
A tua alma patricia, alma singela,
Volta-se toda para a Natureza,
Immortalmente juvenil e bella!

Nos bosques ramalhões, nos amplos valles,
Ha uma vóz que te chama noite e dia,
E as flores rubras, entornando o calix,
Te embebedam de luz e de poesia!

E eis-te de novo, num soberbo gesto,
Reincetando a vereda interrompida,
E os bons caipiras, de semblante honesto,
Surgem do teu pincel, quentes de vida!

E tudo abranges : arde o sol em febre,
Mordendo as tranças da floresta inteira!
Vibra a côr sob a luz. Mesmo o casebre
Lá sorri pela flôr da trepadeira.

E a Terra, prodigiosa de atavios,
Passa arrastando a cauda verdejante,
Galga montanhas, atravessa rios
E se distende pela selva adeante!...

TYBIRIÇÁ

Que morreu dos ferimentos recebidos na defesa de S. Paulo.

Da egreja do Collegio, onde jazias,
Nada mais resta no presente, nada!
E, entre a poeira das velhas arcarias,
Tua cinza tambem foi atirada!

Certo, em vez de luctar naquelles dias,
Quando Piratininga era atacada,
Melhor fôra reentrar nas mattarias,
E morrer numa aldeia socegada!

Alli, chorado entre as nações amigas,
Dormirias em paz, eternamente,
No silencio das arvores antigas!

E a mão profana de um civilisado
Não iria violar, indifferente,
As saudosas reliquias do Passado!

O FUNDADOR DE S. PAULO

Rumoreja a cidade, em febril movimento.
Ondeia como um rio a immensa populaça;
E, maculando o olhar azul do firmamento,
Erguem-se as chaminés, golfejando fumaça.

Extende-se o commercio, em soberbo incremento;
Circula como um sangue a riqueza na praça;
E, numa rapidez superior á do vento,
Os prelos dão á luz e o trem de ferro passa...

E, emquanto o poviléo róla de rua em rua,
Onde o luxo se ostenta e a vida tumultúa,
Eu mergulho no sonho e na contemplação.

E, na sua modestia e na sua roupeta,
De repente me surge a figura de Anchieta,
Melancolicamente apoiada a um bordão...

NO ALTO DO YPIRANGA

(7 de Setembro de 1822)

O sol daquelle dia era o sol das conquistas,
O sol da redempção,
Que vinha realisar o sonho dos Paulistas,
No quaes se concentrava o anceio da nação.

Collina do Ypiranga! ouviste aquelle brado
De « independencia ou morte »,
Que logo se espalhou, pelo vento levado,
Das campinas do sul aos seringaes do norte!

Era o proprio Brasil quem, do alto da collina,
Olhando em derredor,
Achava a natureza e a terra pequenina,
Porque a sua esperança era muito maior!

Elle via, num surto, o commercio e a lavoura,
Em crescente successo,
E via um pavilhão, sacudindo a aza loura,
Correr triumphalmente em busca do progresso!

Elle via a floresta, ao cruzar das « Bandeiras »,
Abrir-se num clarão,
E, emquanto despontava um campo em sementeiras,
Uma cidade nova irrompia do chão!

Elle via a legião dos grandes brasileiros
No encalço da victoria :
Soberbo desfilar de Poetas e Guerreiros,
Ostentando na fronte um Santelmo de gloria!

Um sangue fervoroso ardia-lhe nas veias,
E elle ouvia zumbir,
A' guiza de um rumor longinquo de colmeias,
A vóz das gerações, nos sonhos do porvir!

E, perlongando o olhar, em muda prophecia,
Nas differentes zonas,
Elle affagava um sonho e, ao mesmo tempo, ouvia
O barbaro fragor do Prata e do Amazonas!

Cingia-lhe a cabeça a luz de um pensamento,
Em largas projecções,
E a Collina Sagrada era, nesse momento,
Bella como um Sinai, derramando clarões!

Foi então que o Brasil, numa calma leonina,
Olhou em derredor,
E a America do Sul ficava pequenina,
Porque a sua esperança era muito maior!

A CARLOS GOMES

Vives no « Guarany », Carlos Gomes, eterno,
Ao glorioso « prégão do ninho teu paterno »,
Porque nelle palpita, heroica e sobranceira,
A grande alma vivaz da terra brasileira!

Num mar de sensações nossa mente sossobra,
Quando o teu bello genio a aza livre desdobra,
Victorioso, na luz, como um passaro ufano,
Cortando o vasto azul do céu americano!
De lá, dessa amplidão, a que sobes cantando,
Volves o altivo olhar e contemplas.

E' quando
Vemos de lado a lado, infinitas e densas,
Dominando o horisonte, as florestas immensas,

Sacudindo na altura o galhame cinzento
E desafiando o raio e desafiando o vento!
Vemos da terra patria as differentes zonas,
Desde as costas do Prata ás costas do Amazonas,
Offerecendo ao sol o retezado seio
E o ventre germinal, que extremece de anceio!
A eterna vóz da força e da alegria canta,
Desde o cerebro humano ao tecido da planta,
E, numa orchestração, jamais interrompida,
Ascende para a luz, transbordante de vida,
Róla oceanicamente em rios e cascatas,
Entra ao seio profundo e solenne das mattas,
E, em meio á escuridão que as envolve e denigre,
Relampeia no olhar soberano do tigre!
E arrebenta na côr, abre no sangue vivo
Dessas flores carnaes, de um perfume lascivo,
Ante cujo esplendor fica a gente sujeita,
Como em frente á nudez de uma Venus perfeita!
E' o mundo tropical, que exsurge, grande e bello,
Batido por um sol mais rijo que um martello,
O qual, numa incessante e prodigiosa faina,
Assim como cinzela a fina flôr da paina,
Trabalha, aqui, num monstro assombroso e disforme,
Alli, num vegetal, de uma estatura enorme!
O lyrismo da raça espontaneo deriva,
A' feição do crystal de uma corrente viva,
Que se derrama e vai, do valledo á campina,
Debulhando o collar de uma queixa divina...

Outras vezes, porém, altas e indefinidas,
Vão-se as aspirações de outras remotas vidas,
Num supplicio sem dôr, numa vaga anciedade,
Que nasce do pungir de uma estranha saudade,
E nos leva a pairar, sem destino e sem rumo,
Numa estranha região feita de nevoa e fumo...
Grato é saber sentir essas cousas que dizes
E nos fazem sonhar uns momentos felizes,
Ouvindo, pela vóz do teu genio altaneiro,
A grande affirmação do genio brasileiro!

CONVERSÃO DE SAULO

Domine, quid me vis facere ?
(S. PAULO)

O douto Gamaliel, que a mente lhe formara
Nos textos de Moysés, antevendo heresias,
Dera-lhe a conhecer, numa eloquencia clara,
A vera apparição do futuro Messias.

Este devia ser forte como um prodigio,
Falando pela vóz de cem tubas de guerra
E descendo do céu, no seu maior fastigio,
Para ditar a lei aos monarchas da terra.

Portanto, esse Jesus a quem a turba inquieta
Pretende levantar um culto sem exemplo,
E' um simples impostor, um temerario poeta,
Que procura abalar as columnas do Templo.

E Saulo, que abomina a irreligiosa plebe,
Sente um odio mortal. O néo catholicismo
Contradiz a Jehovah e aos preceitos do Horebe,
Portanto ha de cahir e ha de rolar no abysmo!

E o rude phariseu, fanatico e ciumento,
Mais aferrado á Lei do que os propios Anciãos,
Corre Jerusalem, num delirio cruento,
E esmaga brutalmente os primeiros christãos!

Não ha crime que o ceve e nem presa que o farte:
Seu duro coração de lagrima se nutre,
E o atroz perseguidor deixa por toda parte,
Numa nodoa de sangue, o rasto de um abutre!

O nome de Jesus corre de bocca em bocca,
Conquista os corações e espalha-se por tudo:
Saulo nem quer ouvil-o, e, numa sanha louca,
Lá vai de espada á mão, barbaro e façanhudo!

Perde o respeito humano e, deshumanamente,
Entra de lar em lar, respirando vinganças,
E arrasta para a rua os homens em corrente!
E escuta sem tremer o choro das crianças!

Emfim, Jerusalem é um circulo ainda estreito
Para nelle expandir-se o indomito carrasco.
E, á frente de uma força, a crueza no aspeito,
Lá vai, como um terror, para envolver Damasco!

Dardeja a pino o sol nos aureos capacetes,
Adejam pavilhões, como aves de rapina,
E, espumando no freio, os fogosos ginetes
Galopam fortemente, alevantando a crina...

A' testa do esquadrão, sobre as costas o manto,
Saulo vai prelibando a empreza carniceira,
Quando o envolve uma luz, sente um rapido espanto,
Vacilla e fica cego e róla e cái na poeira!

E aquelle coração rancoroso e protervo
Estremece de horror, dentro do peito. Nisto,
Erguendo-se do chão, na attitude de um servo,
« Que me cumpre fazer? »—Saulo pergunta a Christo.

E convertido está. Troca a espada aguerrida
Pela cruz, e inicia outra peleja insana,
Não de morte ou de dôr, mas de luz e de vida,
Inspirada no amor e na piedade humana.

Christo Crucificado—eis a bandeira nova
Com que elle vai reunir as dispersas ovelhas;
E, em meio do perigo, entregue a toda prova,
Passa como um clarão, despedindo centelhas...

Terras da Asia Menor, indefeso, palmilha;
Dobra um Governador ao jugo do Cordeiro;
E, na Grecia pagã, que enche de maravilha,
Conquista de uma vez quasi um paiz inteiro!

Nunca se lhe amainou a cabeça fogosa;
E, depois de luctar em diversas arenas,
Mostrando erudição vastissima e copiosa,
Falou e confundiu o Areopago de Athenas!

E, no poder de Nero, o apostolado findo,
Mataram-no. Que importa? Em pura santidade
Morreu como Jesus, porque morreu sorrindo
Ao novo amanhecer da nova humanidade.

Tal foi do nosso Estado o Padroeiro eterno,
A quem a minha Musa ergue hosannas e implora,
Afim de prolongar no paulista moderno
A heroica tradição do paulista de outr'ora.

NA SELVA

Como o oceano tem surprezas,
Lindas sereias, miragens,
Tem mysterios e riquezas
Este oceano de folhagens!

Flôres carnivoras, flôres
Mimosas como crianças,
Penhascos assustadores,
Serpentes e rôlas mansas.

Como um beijo de ternura,
Num labio grosseiro e bronco,
A orchídea se dependura
Na rude casca de um tronco!

Abysmos, grutas enormes,
Que a luz do dia não vara,
E uns animaes tão disformes
Que nem S. João os sonhara...

Mas, tambem, que joia alada,
Que fino trabalho a ouro,
Na estructura delicada
De um minusculo bezouro!

O sol, abrazado e vivo,
Beijando as folhas, de leve,
Borda, entre as mesmas, um crivo
Que se vê, não se descreve!

Num som agudo de malho,
Sobre bigornas de ferro,
Grita a araponga do galho
Mais altaneiro de um serro!

De repente, um brado rouco
Produz um echo tremendo!
E um tigre sanhudo, louco,
Passa, rapido, correndo!

E, ao som d'esse grito enorme,
Que abala o forte rochedo,
Parece que tudo dorme
Em calafrios de medo...

Mas, este echo, lentamente,
Morre na matta deserta...
E então, num trilo estridente,
A passarada desperta!

Lembrando uma era remota,
Das clareiras á luz dubia,
Cuido ouvir, de grota em grota,
Resoar o grito da inubia!

Lá, de um penhasco vetusto,
A cuja eminencia arribo,
Vejo, em phantastico susto,
Os guerreiros de uma tribu!

Em meio do labyrintho
D'estas columnas gigantes,
Sinto enthusiasmos e sinto
Desejos extravagantes!

Tento subir até á grimpa
De uma elevada palmeira,
Ou mergulhar-me na limpa
Correnteza da cachoeira!

E, num recanto sombrio,
Afogo os passos, á escuta...
E, como um tigre bravio,
Tenho desejos de lucta!

AS TRIBUS

A CONÇALVES DIAS

Da inubia o rebramir grandiloquo e selvagem,
Usanças, tradições, tudo o teu Poema encerra,
Descrevendo o rancor das tribus, a carnagem
Sangrando pelo chão mortifero da guerra!

Passam os teus heróes, agitando a plumagem
E, em cruentas legiões, rolam de serra em serra...
Cala-se o passaredo. Entremece a folhagem.
Palpita de pavor o coração da terra!

Depois, sôa no espaço a estrondosa pocema,
Tal como um vagalhão rouquejando se quebra,
Quando a taba festeja a victoria suprema.

E, num estylo audaz, numa assonancia crebra,
A raça americana exaltas em teu Poema,
Nos feitos immortaes que o teu genio celebra!

GUERRA DOS EMBOABAS

Foi nas Minas Geraes, ao tempo em que as *bandeiras*
Partiam de S. Paulo e, através dos sertões,
Numa heroica injuncção de almas aventureiras,
Voavam anciosamente ás jazidas mineiras,
Dobrando mattagaes, vencendo asperidões.

Ora o primeiro passo era de causar medo,
Na esphynge florestal, erma e desconhecida :
E' que mais de uma vez, no perfido arvoredo,
O Œdipo que buscava arrancar-lhe o segredo
Tinha de succumbir na primeira investida !

Mas, depois de transposta a muralha de horrores,
Quando a terraz feraz como o ventre das mães,
Rasgava á luz do sol um cofre de esplendores,
Vinham de toda parte os especuladores,
Rosnando e farejando á maneira dos cães !

Vinham de toda parte, ao prégão das conquistas,
Num ruidoso tropel, numa abalada bruta,
E, nas minas cravando as gananciosas vistas,
Tratavam de usurpar o esforço dos paulistas,
O que era dar começo a uma tremenda lucta.

E a lucta começou. Muito sangue vertido
Enrubeceu o chão dessas Minas Geraes.
Mas de um lado um heróe, de outro lado um bandido,
Logo o emboada traidor leva o melhor partido,
Fazendo reluzir a ponta dos punhaes !

Rio das Mortes... fale esse medonho rio,
Na triste evocação desse drama passado,
Donde foi que lhe veiu esse nome sombrio,
Que lhe põe na epiderme um nervoso arrepio
E elle arrasta, a gemer, como um grilhão pezado...

Os homens, na embriaguez dessa lucta malvada,
Tinham no sangue um rufamento de tambor!
E o surdo catrapóz da força em desfilada
Espalhava o terror de quebrada em quebrada,
De choupana em choupana espalhava o terror!

Em Caĉhoeira do Campo ha heroismo e loucura
Num recontro, que foi um dos mais carniceiros,
E deu a Nunes Vianna uma lição bem dura!
Então, cada paulista — exemplo de bravura!
Teve que combater contra dez forasteiros!

Foi essa mesma herculea e destemida gente
Que, no Guarapiranga e no Carmo, feroz,
Entre o relampaguear de uma colera ardente,
Cahiu sobre o inimigo, inexoravelmente,
E fel-o mergulhar numa sangueira atróz!

Sómente empallidece a estrella bandeirante
Quando o inimigo emprega a tactica dos vermes,
E Bento do Amaral ergue o braço infamante,
Não para celebrar um feito triumphante,
Mas para assassinar prisioneiros inermes!

E o Capão da Traição foi o negro scenario,
A arena da vingança e das trucidações,
Em que se perpetrou esse crime nefario,
Que nos vem recordar os de Sylla e de Mario,
E em que a bocca se torce a rugir maldições!

No emtanto o capitão dos heróes bandoleiros,
Atolado no sangue, inaltece a victoria...
E Gabriel de Góes mais os seus companheiros,
Estendidos no chão, como enormes pinheiros,
Aguardam mudamente a justiça da Historia...

E tudo isto se passa em pleno desabrigo,
Numa campina em flôr, que o sol beija e seduz...
Homem, tu, coração rancoroso e inimigo,
Em momento como este, em verdade te digo,
Não mereces o pão carinhoso da luz!

Assim, pouco depois, quando á terra querida
— Restos de expedições, destroços de um naufragio —
Os paulistas, num bando, arripiavam da lida,
Traziam tristemente a cabeça abatida,
Sem aquella altivez que era o seu apanagio!

Mas a mulher paulista, em soberba esquivança,
Com a ironia na vóz e o despreso no olhar,
Repellia-os do lar, num clamor de vingança,
Mandando-os para traz, sem tregua nem tardança,
Pois não queria ter a deshonra no lar!

As esposas, perante o doloroso aspeito
E a triste humilhação dos miseros vencidos,
Sem um leve tremor no semblante perfeito,
Suffocavam a dôr que lhes rasgava o peito,
E negavam a face ao beijo dos maridos!

As noivas, arrancando os cabellos ondeados,
Como a carthagineza, em fórma de laureis,
Davam-nos de presente aos seus noivos amados,
Não para os distender nos arcos retezados,
Mas para os conduzir nas façanhas crueis!

E' então que se levanta o forte Amador Bueno,
Que, unido a Luiz Pedroso, outro arrojado vulto,
Começa a trabalhar, energico e sereno;
E ergue uma expedição, que, ante um rapido aceno,
Lá vai como um tufão para vingar o insulto!

E só nesse momento as novas espartanas,
Vendo a força partir, cheia de intrepidez,
Entre um desenrolar de bandeiras ufanas,
Pensaram no pavor dessas luctas insanas,
E o pranto lhes correu pela primeira vez...

PALMARES

I

Domingos Jorge Velho, homem de fibra de aço,
Soberbo sonhador de riquezas, affeito
A desafiar perigo e a romper embaraço,
Estava destinado a um valoroso feito.

Sem tregua, a varejar a terra brasileira,
Que estende, sul a norte, amplos sertões bravios,
Forte, capitaneando uma ousada *bandeira,*
Eil-o a romper o matto e a jangadear nos rios !

E os perigos, então, nesses ermos sem nome!
Ronda a Morte através das ramadas intonsas
E, quando se não pensa, aguçado de fome,
Rebrilha na espessura o fulvo olhar das onças!

Ora, é uma cobra immensa enrolada num tronco,
Pondo a bifida lingua e prompta para o salto...
Ora, entre abysmos, sobe o muro impervio e bronco
De uma bruta Babel, dominando o céu alto!

A chuva, entumescendo o bôjo das torrentes,
Desdobra na planicie um grande lençol d'aguas,
E a inundação lá vai, com seus flancos potentes,
Alagando rechans e solapando fraguas!

Depois, dias de sol, quentes como um castigo!
Nem uma gotta d'agua! O homem a vista alonga...
Debalde! — interrompendo o silencio inimigo,
Só escuta o martellar de uma triste araponga!

De repente, uma vóz matto a dentro resôa...
E' a inubia dos tupys! Principia a peleja :
Zune a setta ligeira, a espingarda rebôa,
Relampeia o facão e o tacape estrondeja!

De noite, na pousada, em tôrno do brazeiro,
Na doce evocação das antigas memorias,
Saudoso de S. Paulo, o rude aventureiro
Se enternece ao narrar umas velhas historias...

Recorda-se, talvez, da manhã da partida,
Quando, posto que a fé lhe insuflasse um bafejo,
Sentia que deixava o maior bem da vida,
Colhendo a amarga flôr de um derradeiro beijo !

E a noite vai passando. Um silencio por tudo
Se estende. Eis sinão quando o arredor estremece...
Urra um tigre feroz ! Depois, num somno mudo,
O arvoredo, ao luar, todo branco, floresce...

E, ao primeiro clarão da madrugada, avante !
Toca a romper caminho e a vencer a bruteza
De uma selva dantesca, onde de instante a instante
O homem tem de tremer em face á Natureza !

Argonautas da selva, elles veem a infinita
Projecção estellar de thesouros arcanos !
Netos do velho Gama, em seu olhar palpita
Aquelle genio audaz, proprio dos Lusitanos !

Como os Lusos, tambem vão sulcando por entre
A virgindade em flôr das brenhas seculares,
E a Terra Americana offerta-lhes o ventre
Suspirando de amor, á sombra dos palmares!

Mas, de repente, surge um medonho embaraço!
Que importa?! Não recúa o pé dos sertanistas!
Altas serras azues, abatei o espinhaço,
Para deixar subir a fama dos Paulistas!

Grande é a sua missão : rasgar com energia,
Através dos sertões, um victorioso ingresso,
Pelo qual o Brasil ha de fazer um dia
Correr triumphalmente o carro do progresso.

E por isso elles vão, sem desfallecimentos,
Cortando herculeamente a bravia espessura...
Debalde vocifera a colera dos ventos
E o tapuyo traidor ronda na matta escura!

Porque a odysséa atróz dessa lucta selvagem,
Sob o gladio cruel das molestias palustres,
Como que retempéra e amadura a coragem
Que fórra o coração desses heróes illustres.

Assim, nada detinha ao Bandeirante o passo :
Oppondo ao mór perigo o baluarte do peito,
Bem revelava ser o homem de fibra de aço,
Destinado a brilhar num valoroso feito.

II

De maneira que, um dia, o chapéu largo á testa,
A' guaiaca o facão, sopesando o trabuco,
Depois de violentar o seio da floresta,
Domingos Jorge Velho entrou em Pernambuco.

Logo que alli chegou, as trombetas da fama
Sopraram largamente o seu nome na altura,
E a sua vasta fronte irradiou sob a chamma
De uma consagração de força e de bravura.

Ora, por esse tempo, em Palmares, formando
A Republica Negra os quilombos de escravos,
Firmes na defensão, erguiam-se num bando
Que Zambi transformou num pugillo de bravos.

Varias expedições tinham sido frustradas :
Procurando transpor o reducto de horrores,
As forças do Governo eram desbaratadas,
E tinham de voltar, a toque de tambores...

Pois o Governador de Pernambuco, á vista
Dessas demonstrações constantes de fraqueza,
Logo que alli chegou o preclaro Paulista,
Confiou-lhe a direcção dessa arrojada empreza.

III

Desfila a Expedição, na manhã da partida :
A' testa da *bandeira*, á luz de um sol risonho,
Domingos Jorge Velho, a ampla barba cahida,
Tem nos olhos azues a centelha de um sonho.

Valente capitão, cuja escola de guerra
Tem sido a propria guerra, em meio do alvoroço,
Bravo dominador do gentio e da terra,
Mostra a calma viril de um soberbo colosso.

Nunca soube recuar nem ceder o terreno;
Por isso, caminhando ao recontro terrivel,
Tem no porte marcial, desdenhoso e sereno,
Um traço de altivez, nobremente impassivel.

Descança no valor da propria enfibratura
E na dedicação de cada companheiro,
E, certo de vencer, marcha para a aventura,
Levado pelo ardor do sangue aventureiro.

IV

E chegou e venceu. Mas foi rija a contenda!
Muito sangue correu, de um lado e de outro lado!
O deserto, em redor, áquella acção tremenda,
Pavido, estremeceu, como convulsionado!

Era bella de vêr-se aquella heroica gente,
No seu posto, de pé, como um tigre de guarda,
Rechassando o inimigo, inexoravelmente,
A golpes de facão e tiros de espingarda.

Repellindo a invasão, que atacava de geito,
Rugiam ferozmente os revoltos escravos!
E chegou-se a luctar muita vez peito a peito,
Sapateando no chão, como dois touros bravos!

Por fim, o Bandeirante é senhor dos Palmares,
Onde entra de roldão, numa forte investida!
Adeus, floresta livre! Adeus, queridos lares!
Terra materna, adeus! Adeus, por toda a vida!

Mas pelo amor da Patria, essa noiva impolluta
Que embala o berço leve e sustenta o guerreiro,
Palmarenses, luctai até morrer na lucta,
Porque a morte é melhor que o infame captiveiro!

Foi então que Zambi, vendo o inimigo fero
Dono das posições, no baluarte envolvido,
Calmo e rijo, de pé, como um heróe de Homero,
Olhou em derredor e viu tudo perdido.

« Só me resta morrer! » — disse. E, altivo, sem medo,
Em meio ao recruzar de um fogo vivo e forte,
Passou como um phantasma e, do alto de um rochedo,
Atirou-se no abysmo e mergulhou na morte!

Jorge Velho alcançou uma victoria horrivel,
Mas, não pelos trophéus dessa iniqua victoria,
Mereceu do Brasil a laurea imperecivel,
Que a Musa foi colher nos loureiros da Historia.

O que sobremaneira eleva o Bandeirante
A' eterna gratidão das remotas edades
E' o sulco que elle abriu, o sulco triumphante
Em que iam florescer as futuras cidades.

MUSA PATRICIA

A VELHA ESCOLA...

Na cavatina das canções aladas,
Que a mocidade, prodiga, semeia,
Fui gorgeando estas rimas delicadas,
Como um passaro timido gorgeia...

Ao sereno pallôr das madrugadas,
Quantas vezes alguem de minha aldeia
Não me viu, pensativo, nas estradas,
Como Anchieta, escrevendo sobre a areia...

Nesta escola aprendi a fazer versos,
Sem os dictames rigorosos desse
Poetar de agora, em diapasões diversos!

As aves, com seu languido estribilho,
Ensinaram-me tudo, antes que eu lêsse
Antonio Feliciano de Castilho.

A PROCISSÃO

Na madrugada de 24 de junho.

I

Oh! noites de S. João, na minha terra!
A alma do povo, uzanças e costumes,
Tudo, em taes noites de festejo, encerra
Assumptos para encher volumes e volumes!

Não é preciso recorrer á França
E consultar os livros de algum mestre:
A poesia aqui brota com pujança,
Cheirosa como a flôr de uma planta sylvestre!

O poeta do sertão, o habil violeiro,
Canta e improvisa, lepido e casquilho;
Entretanto, esse rude brasileiro
Não traduz o francez, nem conhece Castilho!

O' vós, que, encarcerados numa escola,
Fazeis questão de normas e systemas,
Vinde saber do tocador de viola
Em que moldes vasou suas canções e poemas!

Maliciosos violeiros, que eu consiga
Aprender vossas doces cantilenas!
Quero, nas attracções de uma cantiga,
Prender o coração das languidas morenas!

Musa cabocla, valorosa Musa,
De seios rijos e cabellos pretos!
Bem sabes que esta lyra se recusa
Ao concerto banal de vasios sonetos!

Dá-me a poesia forte, o sopro quente,
A graça, a perfeição de um verso novo!
E eu cantarei uma canção vehemente,
Em que viva e palpite a grande alma do povo!

II

Iam-se abrindo os lirios d'alva, quando
A procissão se poz em movimento;
E as vozes todas, numa vóz cantando,
Subiam para o claro firmamento.

Sentia-se, no ambiente, um cheiro agudo
De folhas machucadas e resinas...
E acordava-se o bosque, intonso e mudo,
Ao gorgeio das aves matutinas.

Vinha, na brisa, um não sei quê disperso...
Como que o verde coração da matta
Pulsava desse amor que enche o Universo
E nos consola nesta vida ingrata...

Pouco a pouco, surgiam, no Levante,
As rosas de ouro de um clarão... A selva
Desennastrava a cabelleira ondeante...
Tremeluzia o orvalho sobre a relva...

Cantavam gallos. Bois mugiam. Longe,
Sobre uma negra pedra, a agua espumava...
E a pedra negra parecia um monge,
Que, de mãos postas para o céu, rezava...

E a procissão descia, passo a passo,
Pelo caminho que vai ter á fonte...
Esmaecia brandamente o espaço...
Accentuava-se a linha do horisonte...

Sob a luz da manhã, nimbada de ouro,
A imagem de S. João, no alto fulgia...
Echoava, além, de subito, um estouro...
E, passo a passo, a procissão descia...

Em se chegando á margem da corrente,
Que derivava em limpidas cantigas,
Pulava, como um passaro contente,
O ingenuo coração das raparigas...

E, no espelho da fonte crystallina,
Todas procuram vêr a imagem bella,
Pois, do contrario, — desditosa sina! —
Adeus á vida, em virginal capella!

E, entoando sempre uma canção de prata,
A clara lympha, que estremece ao vel-as,
Os seus rostos esplendidos retrata,
Ficando n'agua um resplendor de estrellas...

E essa corrente, que, num veio brando,
Recorta esses tristonhos descampados,
Meu Deus! quem sabe si não vai levando
Tantos sonhos de amor, tão bem sonhados!

MATER MAGNA

Nos dias de verão, quando o sol bem a pino
Cascateia clarões, e um silencio divino
Envole a Natureza, a creadora eterna,
Que tem no coração uma fibra materna,
Procurando esquecer antigas amarguras,
Deixo as cogitações e as melhores leituras
E vou refocillar-me á sombra deleitosa
De uma arvore ancestral, corpulenta e frondosa.
Alli, deito-me ao chão e sólto o pensamento,
Livre como um condor que abre as azas ao vento!

Si então fosse Alexandre o Imperio offerecer-me,
Eu, que vivo na poeira, humilde como um verme,

Havia de sorrir, com sincera piedade,
Desse grande senhor, cheio de potestade;
E, calmo, revolvendo ao meu lindo socego,
Dir-lhe-ia... o que lhe disse o philosopho grego!
Não ha o que se compare á georgica frescura
Do bosque, a bambolear, bebedo de verdura,
Tão verde que a visão de outras côres se perde,
E a pedra, o rio, o sol, tudo parece verde,
E o nosso coração como que se balança
Por sobre o verde mar de uma nova esperança...

Então, ponho-me a lêr o livro do Universo,
Que o Senhor escreveu, naturalmente, em verso,
Tão perfeita é a harmonia, a cadencia que vibra
Do mundo superior, que no alto se equilibra,
A este mundo inferior, que, no seio da terra,
Bebe o leite vital que o mesmo seio encerra.
Maguas, ingratidões, perfidias femininas,
A inveja que envenena as linguas viperinas,
Tantas aspirações irrealisaveis, tantos
Desesperos crueis, ironias e prantos,
Ancias de um louco ideal, mais terriveis que a fome,
Odio, descrença, amor e outros males sem nome,
Que enchem o coração das pobres creaturas,
Como de podridões se enchem as sepulturas,

Tudo isso se desfaz, maravilhosamente,
Como um pouco de lama atirada á corrente,
Quando a minha cabeça, a pender de fadiga,
Pousa no seio bom da Natureza amiga!

A' SESTA

Queimando a pino, o sol parece um polvo enorme,
Setibundo, envolvendo a campina que dorme.
E uns preguiçosos bois, evitando o mormaço,
No sombreado capão se internam, passo a passo.

Na floresta e no valle, em toda a Natureza
Predomina uma funda e gostosa molleza...
Agora, deve ser uma delicia a gente
Descer ao ribeirão e, regaladamente,
Beber um pouco d'agua, em folha de tayoba;
Depois, como um lagarto, ir comer guabiroba;
E, desfructando a sesta, á maneira de um bicho,
Deixar que o pensamento adeje a seu capricho...

Vida bôa! demais, si este mundo é uma bola,
Deixemol-a gyrar, em douda carambola,
Lançando ingloriamente a nossa vida em jogo;
Por isso, emquanto o sol, no seu carro de fogo,
Vai ganhando a amplidão do céu illimitado,
Eu me deixo ficar nesta sombra, estirado,
Philosophicamente escutando o ruido
De uma folha que cái, como um sonho perdido...
Bom meio de esquecer, num lethargo profundo,
A miseria sem fim, que vai por esse mundo.

Num tranquillo abandono, os meus ouvidos tapo;
E, espraiado na relva, e bem nutrido o papo,
Ponho os olhos no céu e, arrebatado e mudo,
Esqueço-me da vida, esqueço-me de tudo,
Feliz, a naufragar na profundez divina
De um azul tão azul que até cança a retina!

PANORAMA AGRESTE

Logo pela manhã, tomo o chapéu e saio...
Não tenho direcção : ponho-me estrada a fóra,
E, alargando os pulmões aos bafejos de maio,
Respiro com delicia o bom cheiro da flora.

O verde leque, ao sol abrindo, um papagaio,
Numa algazarra, expande a garganta sonora...
Emquanto, embevecido, a vista ao longe espraio,
E diviso a choupana, onde um caboclo mora...

Aqui, fundo e sereno, um rio corta a matta,
Pouco adeante, porém, róla numa cascata,
Lembrando um galopar de espumosos ginetes!

E, emquanto vão seguindo uns lavradores tardos,
Longe, num desfilar de pelotões galhardos,
O verde milharal sacode os capacetes...

CONTRASTE

Primavera, é de mais! Que tentação ardente!
Um perfume de carne, embebida de rosa,
Anda solto, a valsar embaladoramente,
Na viração que passa, arisca e buliçosa...

Não ha como fugir! Para perder á gente,
Vê-se por toda parte a fructa appetitosa...
E até na doce vóz de um passaro plangente
Se percebe o languor de uma queixa amorosa.

E, crendo que eu tambem vou para os meus amores,
As arvores em flôr das margens do caminho
Atiram-me á cabeça um punhado de flôres!

Ah! nada póde haver mais pungente, de certo,
Do que errar, como um Job, desolado e sósinho,
Em meio ao resplendor de um paraiso aberto!

TROPICAL

Arde o sol de verão. Céu azul e calado.
Um ribeiro, a rolar, em choroso descante,
Derrama-se através do viridente prado,
Desatando o listrão da corrente alvejante.

Paizagem deliciosa! E tão simples: de um lado,
Rudes habitações; de outro lado, distante,
Um campo de criar, aqui e alli manchado
Por uns tardonhos bois de passo vacillante...

Unem-se a terra e o céu, no horisonte em fumaça...
E, bambo de calor, busco a amavel frescura
Da sombra, onde a preguiça ao meu corpo se enlaça.

O somno, pouco a pouco, approxima, approxima...
Reina em tudo uma paz tão beatifica e pura
Que é doce estar assim, de papo para cima!

PASSEIO MATINAL

Como é aprazivel um passeio á roça,
De manhã cedo, quando o sol desponta!
As aves cantam... Que alegria a nossa,
Por entre beijos, que não têm mais conta!

Que bello dia illuminado! A choça
Lá nos espera, cuidadinha e prompta,
E verás como tudo se alvoroça,
Numa algazarra divertida e tonta...

Emfim, chegámos. Como é lindo o rancho:
Sobre as chammas que sobem, roncadeiras,
Oscilla o caldeirão, preso num gancho...

E um caboclo, na viola, expondo o chiste,
Canta ingenuas modinhas brasileiras,
Que a alma nos deixam scismadora e triste...

O TIGRE

Num bravio sertão americano,
Ha uma caverna, á sombra de vetusto
Cedro. Neste logar, profundo e arcano,
A luz espia, tremula de susto...

Emquanto, aos arredores, soberano,
Um tigre relampeia o olhar adusto,
E lambe as unhas, válido e tyranno,
Bello e terrivel, destemido e augusto !

Corre um negro pavor, dos grossos troncos,
Ha millenios, impavidos, erguidos,
Ao petreo viso dos rochedos broncos !

E, a despertar a solidão que dorme,
Repercutem famelicos rugidos,
Rasgando o seio da floresta enorme !

MANHÃ BRASILEIRA

A aurora, como um cravo côr de sangue,
Desabotôa as petalas macias,
E a Natureza, preguiçosa e langue,
Desperta, num concerto de alegrias!

Batendo as azas, canta o gallo; canta
O passarinho; a creação se agita...
E, desde o insecto pequenino á planta,
A mesma febre de viver palpita!

Agora, o lavrador vai para a roça,
Onde, a lidar, o dia inteiro passa;
Emquanto, ao longe, sua humilde choça
Desenrola uma nuvem de fumaça...

Riem-se as aguas limpidas e claras,
Como serpentes, em sensuaes torcidas...
E bosques verdes vão cortando e searas,
Cheias de convulsões desinsoffridas !...

Um calido perfume de resinas
Vem dos troncos antigos dos pinheiros :
Aspirando-o, dilatam-se as narinas
Dos lascivos caboclos brasileiros !

Pombos selvagens, em febris anceios,
Entrechocam-se, e beijam-se, na matta...
Sólta um canario tremulos gorgeios,
Estrondeja distante uma cascata...

Vai subindo, subindo, esparsa á tôa,
A neblina, que envolve os horisontes...
E, rarefeita, como um véu, corôa
O cabeço das serras e dos montes...

Já se presente a luz do sol... Na altura,
As nuvens se enriquecem de aureas côres...
E a terra se prepara com doçura
De amante que suspira de languores...

Os orvalhos ao vento esquivo e brando
Dizem : « O sol, o lindo sol não tarda »...
E, pelos valles concavos, reboando,
Ouve-se, ao longe, um tiro de espingarda...

Os grandes bois philosophos, deitados,
Fitam no céu distante olhos profundos...
Que vêem elles assim ? por que, maguados,
Se quedam entre os passaros jucundos ?

Depois, humanamente compungidos,
Como evocando uma existencia calma,
Soltam, de vez em quando, altos mugidos,
Que parecem sahir do fundo d'alma...

Bandos de papagaios, em revoada,
Vêm chegando, a pousar de copa em copa,
E, aos choutos dos cargueiros, pela estrada,
Passa cantando o tocador de tropa...

Bella ! bella manhã ! Tem-se vontade
De bater esses mattos verdejantes...
E não sei donde vem uma saudade
De tantas coisas insignificantes !...

Tempos da juventude descuidosa!
Primeiro amôr, primeiro olhar, primeira
Palavra que ella disse, receiosa,
Debaixo da florida laranjeira...

Meu Deus! quantas manhãs lindas como esta,
Não nos viram trocando pensamentos!
Parece que ainda a vejo, airosa e lesta,
A cabelleira á discreção dos ventos!

Ao passarmos, sorrindo, ao sol nascente,
Lavradores, sentados em raizes,
Olhavam para nós tão longamente,
Como quem diz: « Aquelles são felizes!... »

Eu é que sei! O coração não dorme
E é um abysmo tão negro e tão profundo,
Que o não enchera a catadupa enorme
De todas as vaidades deste Mundo!

A PRINCEZINHA

(VISCONDE DE BORRELLI)

Sob um cedro virente, a Princezinha, em pranto,
Olha o arroio, sem vêr, immersa em funda magua;
O Principe a esqueceu; ella o recorda, emtanto;
O seu pésinho nú roça no fio d'agua.

Um passarinho vem, e reprehende-a : — « Princeza,
« Deixai que, livre, corra a agua limpida e pura;
« Si, com o desnudo pé, turvais a correnteza,
« O Céu não poderá revêr-se lá da altura. »

— « Passarinho cruel, não sejais tão mofino
« Por causa de um reflexo, uma simples vaidade;

« Amanhã estarei morta, e o arroio crystallino
« Terá o azul do Céu, por toda a eternidade!

« Mas aquelle que veiu e me roubou a calma,
« O perfido, que tem nos labios a ambrosia,
« Por que não me avisou que, turvando a minh'alma,
« Jamais o Céu Azul nella se espelharia?... »

O BATUQUE

Dominando o auditorio circumdante,
Numa franca e jovial desenvoltura,
O violeiro apparece, triumphante,
E em seus dedos o *pinho* já murmura.

E começa o batuque. No descante,
Em desafio, cada qual procura
Crescer aos olhos da mulher amante,
Numa trova repleta de doçura.

Pára uma vóz, mas outra vóz insiste;
E, apezar da contenda aporfiada,
Não póde haver uma canção mais triste!

A viola vibra, num languor plangente,
E todos, numa roda cadenciada,
Batem os pés no chão, pausadamente.

O SAMBA

Na noite em que a algum santo se festeja,
Junto á fogueira, o samba principia,
Logo o pandeiro elastico estrondeja,
Ronca e muge o tambor, numa porfia.

Que extravagante, singular peleja :
Este, rapidamente rodopia ;
Aquelle, desconjunta-se e rasteja,
Numa parafusante cortezia.

E, em languido meneio, as raparigas,
Agitando os vestidos encarnados,
Cantarolam estridulas cantigas.

E, no ardor da frenetica loucura,
Os pares, em pinotes compassados,
Vão juntando cintura com cintura !

EVOCAÇÕES

Fico á janella, á tradesinha, olhando
Para esse azul de Deus, que além se perde...
E invoco a musa da saudade, quando
Uma verde palmeira, ramalhando,
Destrança ao vento o seu pennacho verde...

E logo vem um sabiá tristonho,
Pousa nas grimpas da palmeira, e chora...
Não sei si durmo, ou si, acordado, sonho :
O que é verdade é que me vou, risonho,
Entre as perdidas illusões de outr'ora...

Chegam reminiscencias, em revoada,
Envoltas num crepusculo indeciso,
E um perfume de rosa desfolhada
Embalsama de novo a minha estrada,
Que se estende do Inferno ao Paraiso!

Pois, nestas horas, de profunda calma,
Brotam as flôres, que o tufão semeia...
Treme a palmeira, sacudindo a palma...
E a saudade me planta um goivo n'alma,
Cantando como perfida sereia!...

Quasi escuro. Por toda a Natureza,
Paira um silencio recolhido e suave...
E a Noite, serenissima princeza,
Entre a celeste pedraria accesa,
Dirige o plaustro silencioso e grave...

Já, na palmeira, não sussurra o vento,
Nem canta o sabiá; mas desafôgo
Eu não posso lograr : neste momento
Mais activo trabalha o pensamento,
Arrancando-me lagrimas de fogo!

E, levado ao sabor da nostalgia,
Para além, muito além da realidade,
Em vez do triste passarinho, eu via
Que, nos desertos gonfalões, gemia
A melhor illusão da mocidade!

O CAMPEIRO

A cavallo num rapido tordilho,
Vai o campeiro aos campos afastados,
Para vêr si não falta algum novilho,
Que andam sempre novilhos tresmalhados.

E emquanto os bois, ao côcho enfileirados,
Lambem o sal, esbugalhando o milho,
Corre o laço nos chifres aguçados
De um ligeiro garraio damasquilho.

Um touro muge e escarva o chão; por isso,
Antes que invista, sacudindo o guampo,
Recebe uma ferroada no toutiço!

Por fim, alçando o rispido chicote,
Toca a nedia boiada para o campo,
Ladeira abaixo, num garboso trote...

FLOR SYLVESTRE

Pobre de quem? pobre de ti, não della :
Para que seja cobiçada e rica,
De nada mais precisa, além daquella
Innocencia do céu, que a santifica...

Não tem brazões de nascimento. E' bella,
De uma belleza que tão bem lhe fica!
E, sertaneja rustica e singela,
Vive junto dos paes, terna e pudica.

Passarinha entre as aves, e travêssa,
Parece uma Visão da Primavera,
Quando envolve de flôres a cabeça!

E as suas mãos, que nada têm de rudes,
São as chavinhas de ouro (quem m'as dera!)
De um coração repleto de virtudes!

PAIZAGEM TRISTE

Já não tem nitidez a linha do horisonte.
Sol posto. Uma penumbra envolve as cercanias.
E a moça pensativa, a mão pallida á fronte,
Contempla da janella as aves fugidias...

Uns vapores subtis sobem do valle ao monte;
E, triste como a vóz de velhas nostalgias,
A rolar e a fulgir, a agua doce da fonte
Derrama em derredor suas melancolias...

Os longos vegetaes, sombrios como Judas,
Erguem os braços no ar, desmesuradamente,
Vestidos, como estão, de largas sombras mudas...

No brejal, donde sobe o nevoeiro em farrapos,
Cantam as jassanãs e, num côro dolente,
Começa o martellar monotono dos sapos...

SUGGESTÃO DA TARDE

O dia morre. Perpassa,
Nas folhas, a brisa leve...
E um novello de fumaça
Ao campo, além, circumscreve...

Maria, cheia de graça,
Dizei-me porque se deve
Soffrer tamanha desgraça
Numa existencia tão breve!

Vesper já brilha. Da moita,
Em que a jurity se acoita,
Parte uma vóz dolorida...

Hora divina da prece...
Mas tambem, ao que parece,
E' quando mais dóe a vida!

BEIJOS DE LONGE...

Meu caro amor, que estas linhas
Te encontrem linda como eras,
Porque ellas são andorinhas,
Em busca de primaveras...

Sem mais delongas, no assumpto
Entrando, (que amor tristonho !)
Verás que eu sou um defunto,
Na sepultura de um sonho !

Por tua auzencia funesta
Vivo em trevas, noite e dia,
E em tudo se manifesta
Um quê de melancolia.

Os meus olhos, sempre enxutos,
Hoje são como dois mares :
Depois das flores, os fructos...
Depois do amor, os pezares...

Vives tão longe; no emtanto,
O teu divino retrato
Vive a boiar no meu pranto,
Qual uma flôr num regato...

Em casa e campos vizinhos,
Por aqui, não ha mudanças;
Uma coisa : os passarinhos
Mandam-te muitas lembranças...

Quanto a mim... ai! estou louco
Por beijar essa mãosinha!
Mas o bem dura tão pouco!
Não conto mais seres minha!

Os meus tormentos acalma!
(Dos teus affectos não zombo)
Manda-me, pois, a tua alma,
Nas azas brancas de um pombo...

Antes do fim desta carta,
Quasi chorei... que fraqueza!
Mas é justo que eu reparta
Comtigo a minha tristeza.

O que eu digo, tu me dizes
Daquelles sonhos passados:
E' que já fomos felizes
E hoje somos desgraçados!

Viva Deus! Os tempos bellos
Hão de voltar algum dia:
Teremos novos Castellos,
No paiz da Phantasia!

Sem mais, recebe este bando
De saudades e desejos,
Que arranco d'alma e te mando,
Entre um punhado de beijos!

QUE PENA!

Pastores e pastoras, casaesinhos,
Que, numa beatitude virgiliana,
Andaveis pelos campos e caminhos,
Tangendo a flauta modula de canna...

Que, de noite, contentes e sósinhos,
A' lareira da rustica choupana,
Entre o alegre rebanho dos filhinhos,
Vivieis puros da maldade humana...

Que é feito de vocês, qual foi a guerra
Que vos fez debandar, cheios de horrores,
Deixando os valles e transpondo a serra?

Nada! Mentem Dirceu e seus amores!
Creio que, infelizmente, a minha terra
Nunca teve pastoras nem pastores...

CANDURA PATRICIA

Paizagens da minha terra!
Alveja lá nas alturas,
Uma casinha, que encerra
Venturosas creaturas.

Em tôrno é o campo, as verduras,
Por onde uma ovelha, que erra,
Enchendo o val de amarguras,
Berra... berra... berra... berra...

Encontro aos bandos, sósinhas,
Moças de aldeias vizinhas,
Espertas como as abelhas...

Mas fingem não me vêr, posto
Que eu bem lhes veja no rosto
Um par de rosas vermelhas...

MATERNIDADE

Sob uma latada amena,
Onde a folhagem se entrança,
A luz se infiltra, serena,
Como um olhar de criança...

Lili, graciosa pequena,
Numa rede se embalança,
Mais ligeira que uma penna,
Mais linda que uma esperança.

E, nesse grato abandono,
Com vóz monotona e incerta,
Convida os olhos ao somno...

E, mãe que adora o seu filho,
Entre os bracinhos aperta
Uma boneca... de milho!

CANÇÕES

Simplifiquei meu estylo,
Fechei os livros; depois,
Vim conversar-te daquillo
Que só interessa a nós dois.

Prende bem esses cabellos,
E não duvides, amor,
Que eu sou capaz de bebel-os,
Como se bebe um licor...

Em nosso amor, quando penso,
Perco da vida a noção,
E vou subindo no incenso
Da propria imaginação...

Mais ledo que um passarinho,
Por tua casa passei;
Ai! tu mordeste o beicinho...
Quasi alli mesmo fiquei!

Padeço do amor e medo
De Casimiro de Abreu,
Quando te escuto em segredo
Aquellas cousas do céu...

Fiquei com meus olhos turvos,
Certa vez, ao vislumbrar
Os teus pésinhos recurvos,
Como um crescente lunar...

Teus olhos! Anceio e lucto
Por comprehendel-os, Senhor!
São como dois sóes... de luto,
Golfando luz e calor...

Teus olhos, em que distingo
Um frecheiro a me frechar,
São bellos como um domingo,
Com sinos a repicar...

Juras e juras que és minha;
Acredito-o, por que não?
Mas quero-te casadinha,
Fechada dentro da mão!

O TREM DE FERRO

Um fino apito estridulo sibila;
Rangem as rodas num arranco perro;
E, lentamente, a se arrastar, desfila,
Fumegante e luzente, o trem de ferro.

Sôa no espaço um derradeiro berro,
E tão rapido corre que horripila
Esse monstro, a rolar de serro em serro,
Apavorando a solidão tranquilla!

Vence choupanas, mattagaes tristonhos,
Despenhadeiros, barathros medonhos,
— Nada lhe amaina o rábido furor!

Corre, corre velóz, nada o embaraça,
Desfraldando a bandeira de fumaça,
Como um bravo guerreiro vencedor!

PAIZAGEM AMERICANA

Galgo alpestre montanha, e avisto uma paizagem
Soberba! O azul e o verde, em um declinio lento,
Perdem-se no infinito... E a belleza selvagem
Do quadro, sob a luz, tem vida e movimento...

Que alegria na côr da relva e da folhagem,
Quando as encrespa e azoina um latego de vento!
E, na embriaguez do vôo, agitando a plumagem,
Aves, cantando ao léo, passam no firmamento...

Aqui serpeja um rio; adeante, se desenha
Uma campina; e além, do cimo de uma penha,
Uma cachoeira róla, entre froculos brancos...

E, de guarda a um sertão, que vigoroso medra,
Ergue-se, formidando, um gigante de pedra,
Vestido pelo sol que lhe bate nos flancos!

A TAPERA

LENDA SERTANEJA

Num regougo roufenho, ronca o vento
Nos escombros da lugubre tapera,
Que passa, num tristonho isolamento,
Verão, inverno, outomno e primavera!

Terra vermelha e safara, de rocha,
Em que o Demonio escarva, como um touro,
E onde uma flôr, siquer, não desabrocha...
Oh! feiticeira habitação do Agouro!

Nenhum vivente neste sitio passa,
Perturbando os monotonos socegos...
E, unicamente, pelo escuro, esvoaça
Um noctivago bando de morcegos...

Um casal taciturno de corujas
Sólta pios tristissimos de noite...
Permanece fechada a porta, em cujas
Soleiras a pisar ninguem se afoite!

Sombras dansam no chão dansas macabras,
Dando a porta passagem, de repente,
Para um cortejo de figuras glabras,
Que vão sahindo, silenciosamente...

A's sextas-feiras, um sincerro tóca,
Lá nos fundos... Depois, cavo, retumba
O barulho que faz alguem que soca:
Tomba um pilão, batendo numa tumba...

Outras vezes, tambem pela noite alta,
Percorrendo os redores da tapera,
Um multiforme e pavoroso ephialta
Contra todos e tudo vocifera...

Ardem lá dentro vividos brazeiros,
Na cerimonia das sessões nocturnas;
E bruxas interpellam feiticeiros,
Com vozes rugidoras e soturnas...

E, abrindo a guela, escancarados fossos
Deixam surgir, num rapido momento,
Um grupo de esqueletos, cujos ossos
Chocalham pelo escuro pavimento...

A' ESPERA

Com sua vóz assustadinha e doce,
Doce como um trinar de passarinho,
Ella me disse que esperal-a fosse,
Fosse esperal-a á beira do caminho.

Mas o tempo da espera prolongou-se,
Prolongou-se de mais! E eu tão sósinho!
Passou o dia. Veiu a tarde e trouxe,
Trouxe arrulhos de amor, de ninho em ninho.

Desespéro. O silencio me tortura.
Mas, de repente, alvoroçado, escuto
Um farfalhar de folhas na espessura.

E ella chega, e tão linda, de maneira
Que, só para gosar este minuto,
Eu a esperara a minha vida inteira!

DITOSA PATRIA

Ah ! terra maternal das florestas viçosas !
Bem mereces o amor daquelles que alimentas,
Tu, que os braços abrindo, enfeitada de rosas,
Exhibes o vigor das pomas opulentas !

Aos affagos do sol, em teu seio apresentas
Thesouros mineraes e fructas deleitosas !
Aqui em baixo, retumba um som de aguas violentas,
Lá em cima, um cafezal mostra as filas airosas...

Terra moça e louçã, morena dos palmares,
Embalada ao languor de uma rêde macia
E ostentando á cabeça um tope de cocares !

Amar-te como patria é uma prova ainda pouca,
Porque é como mulher que eu te desejaria
Apertar junto ao peito e beijar bem na bocca !

OPINIÕES CRITICAS

A critica literaria, no Brasil, é mesquinha e deficiente; de maneira que, para fixar um juizo mais ou menos completo a respeito de uma obra de arte, é forçoso respigar as diversas opiniões, manifestadas não só nas folhas ephemeras da imprensa, mas até na correspondencia epistolar, sem caracter reservado.

A respeito deste livro, os mais preclaros escriptores nacionaes se declararam favoraveis; e como ao auctor é grato repetir a palavra dos mestres, publica-se em seguida o que elles disseram, bem como as referencias feitas por alguns jornaes, ao apparecer a primeira edição dos « Bandeirantes ». Eis as opiniões :

*
**

Rio, 16 de Setembro de 1906.

Snr. Dr. Baptista Cepellos.

Recebi o volume intitulado « BANDEIRANTES », que se dignou enviar-me. Agradecendo-lhe a delicadeza da offerta

peço permissão para considerar immerecidos os qualificativos que me dá como critico, o que só posso attribuir á sua excessiva bondade.

Li o livro e concordo com o Bilac. Nos seus versos ha a revelação de um vigoroso poeta, destinado principalmente a renovar o sopro epico, que se tem auzentado da poesia nacional, não sei por que.

Os BANDEIRANTES vibram; e o poeta que escreveu esse poema contrahiu o compromisso de escrever, em versos altisonantes, a historia completa dos heróes paulistas.

Faço votos, pois, pela prosperidade do seu talento e com prazer me subscrevo.

S. am.º e admirador

T. A. Araripe Junior.

*
**

Exm. Snr. Dr. Baptista Cepellos.

Rio, 19 de Março de 1906.

Foi uma doce surpreza para mim o recebimento do seu lindo livro—Os BANDEIRANTES. Li-o com o interesse que a sua reputação já despertava em mim e com o enthusiasmo que o seu valor impõe, desde o primeiro até ao derradeiro verso.

Agradeço-lhe penhoradissima a lembrança, saudando no cantor da forte terra paulista, um grande poeta brasileiro.

Julia Lopes de Almeida.

*
**

B. Cepellos, meu charo poeta.

Era para escrever sobre Os Bandeirantes, transmittindo-lhe as minhas impressões de leitura; mas innumeras occupações de outra ordem me tiram todo o tempo. Muito bem diz o Olavo que o seu livro não se póde confundir com o commun dos que por ahi se publicam no mesmo genero. Ah! não ser eu mais moço e menos fraco, meu charo poeta, para seguir a nova róta aberta pela sua bella e corajosa musa! Acceite, em todo o caso, os sinceros agradecimentos e os vivos protestos de admiração verdadeira, que lhe envia o

Raymundo Corrêa.

*
**

A Baptista Cepellos felicita Alberto de Oliveira pelos Bandeirantes—livro de verdadeiro Poeta, cheio do amor e belleza da grande terra da Patria.

26-3-906.

*
**

Ao illustre poeta Baptista Cepellos.

Agradeço o exemplar do magnifico poema dos Bandeirantes em que « toda a alma da terra Paulista estremece, vibra e canta », como tão excellentemente diz o Bilac. E esta é a impressão minha e do Raymundo Corrêa.

Do muito admirador
João Ribeiro.

6-abril-06.

*
**

... Baptista Cepellos é um poeta « brasileiro », — não pelo facto sem maior significação de ter nascido no Brasil, mas porque o assumpto dos seus poemas é sempre nacional, como é nacional, de um nacionalismo seductor, a sua maneira de poetar. Basta percorrer, num lance de vista, o indice do volume, para comprehender o « brasileirismo » deste poeta : *A Partida da Monção, O Anhanguéra, O Tietê, Guerra dos Emboabas, Tybiriçá, Palmares, O Batuque, O Samba, Ditosa Patria, etc.* O livro é um espelho em que se vêm reflectir a paizagem physica e a paizagem moral da Patria. Não é ainda, de certo, uma obra prima... Mas onde estão as obras primas da nossa Poesia? O que eu sei é que Cepellos é um verdadeiro poeta,—um poeta moço e ardente, que talvez ainda venha a dar-nos o « poema nacional » que o Brasil espera...

Olavo Bilac.

*
**

Paulo Barreto, no seu empolgante « Cinematographo » escreve o seguinte :

« E' grato reviver um momento da Historia.
Por mais animador que nos seja o presente,
E o poeta, que nasceu fadado para a gloria,
E' o verbo da nação, sentindo o que ella sente!

E, mesmo que não seja esperança illusoria,
Essa que nos aponta um futuro ridente,
Minha Musa prefere evocar a memoria,
Os feitos e as acções da primitiva gente.

Assim para esquecer os meus dias escuros,
Mergulhei no passado, e vivi no passado,
Sentindo o respirando outros ares mais puros...

Alfarrabios abri, pelas velhas estantes,
E logo me surgiu num plano illuminado
Aquella geração de illustres bandeirantes!

Este admiravel portico é do livro forte e intenso de Baptista Cepellos, um dos primeiros poetas brasileiros e sem duvida o primeiro poeta regional, o primeiro poeta dessa terra de cultivo, de percepção fina e de engenho litterario que é São Paulo. Quando appareceu o livro « Os Bandeirantes », ha dois annos, com prefacio do mestre Olavo Bilac — a critica foi um só louvor. E' que a critica, para ter juizo, não póde e não deve seguir senão o julgamento do publico, e o publico, o publico de escól, que lê e comprehende e sente sempre, com justiça fizera ao artista um acolhimento de applauso.

Olavo Bilac no seu refulgente prefacio acha que nós só tivemos poesia nacional com Gonçalves Dias e o indianismo. Eu acho que o indianismo foi uma adaptação exagerada do pieguismo do visconde de Chateaubriand, fatalmente obrigada a desapparecer, porque não cantava nada de nosso — pois nossa raça conquistadora nada tem que ver com as fantasias attribuidas aos incolas e não as pode sentir, senão naquellas « hespanholadas » muito pouco tupys do « Y-Juca-Pirama ».

Mas a verdade emana dos periodos do poeta da « Via-Lactea » quando elle diz :

« Claro está que o indio já não póde nem deve ser aproveitado, como o aproveitou Gonçalves Dias : o indio é um elemento ethnico que desappareceu. E não se póde tambem exigir que os nossos poetas cantem a edade contemporanea, que é prosaica e semsabor. Mas o periodo historico da exploração e do povoamento dos sertões é uma phase épica, que reclama o seu poeta... Camillo Mauclair, se vivesse aqui, não careceria de aconselhar aos versejadores novos, como unico assumpto inexplorado, o estudo da sciencia e do conflicto social.

Baptista Cepellos parece-me ter adinvinhado ou descoberto um caminho novo. Comprehendendo a poesia d'essa éra de aventuras e de perigos, emprehendeu cantar a ousadia d'esses aventureiros, d'esses heróes, cuja coragem João Ribeiro, o nosso poeta historiador, tão bem soube definir n'estas poucas linhas expressivas : « Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação,

que é quasi fatalista, e a sobriedade levada ao extremo : os que partem não sabem se voltam, e não pensam mais em voltar aos lares; as provisões que levam apenas bastam para o primeiro percurso da jornada : d'ahi por diante, tudo, entregue á ventura, é enigmatico e desconhecido... »

Temos agora a 2.ª edição dos « Bandeirantes », refundida e melhorada.

E eu, logo que recebo essa nova edição, afundo-me de todo na sua deliciosa leitura.

Ah! o genio ardente do poeta, a grande gloria e o são orgulho da vida que nos seus versos se desnastram! Toda a época semi-lendaria dos bandeirantes, os heróes que pedem o cyclo homerico e são grandes e quasi inverosimeis como os argonautas, abre pela sonoridade épica dos versos o esplendor infinito de um clarão de sol, e é a gloria da terra, é a gloria do céo, é a gloria do homem capaz de dominar a inclemencia da natureza abrupta que floresce por todo o volume, coroando os desventradores do sertão — os conquistadores...

Contando de Jorge Velho, que de S. Paulo foi a Pernambuco e lá venceu os Palmares, o poeta bem diz :

O que sobremaneira eleva o Bandeirante
A' eterna gratidão das remotas edades
E' o sulco que elle abriu, o sulco triumphante
Em que iam florescer as futuras cidades.

Baptista Cepellos fez a epopeia dos civilisadores primevos. Mas o seu livro, que eu repito admiravel, dá-nos uma empolgante sensação de amor á terra, de amor á nossa vida, de amor a nós mesmos, reconfortante e forte como um licor generoso. E só os grandes poetas dão essa sensação. »

João do Rio.

*
**

... No livro de Cepellos vibra uma alma de artista. Em todas

as suas estrophes, canta uma magia nova, um novo encanto domina. E' no campo, na roça, em meio á exuberancia das mattas virgens, que o moço poeta foi buscar assumpto e inspiração para os seus versos adoraveis. E do remanço deliciosamente bucolico do sertão, a sua alma voou e ascendeu muito alto, a páramos ignotos, e bebeu lá a suave ambrosia que o seu livro transmitte ao leitor. Ora, é uma aguarella campestre, um sol no occaso, sabiamente pintados, finamente brunidos pelo artista, em magnificos alexandrinos; ora, um arroio gorgolejante, empolgado, ao vivo, pelo poeta; agora, uma manada gorda, uma tropa somnolenta e tarda, uma boiada triste, mugindo campo a fora a nostalgia da saudade, os queixumes de uma alma enclausurada; daqui a pouco, o som mavioso de uma viola acordando emoções passadas, resuscitando um idyllio que se foi, revivendo as cinzas mortas de um amor extincto. E, á doce vibração da viola nos dedos tremulos de nosso *caipira*, o livro de Cepellos chora e com elle a alma do leitor.

E noites estrelladas, aromas e luares transparentes rendilham, aqui e alli, as encantadoras paginas dos BANDEIRANTES.

O coração dos sertões brasileiros vibra, palpita, geme, soluça e canta nesse inimitavel escrinio de poesias, que nos põe em destaque, aqui um farrapo de nuvens de ouro em céu azul, o barranco esteril que o osculo do sol vem fecundar, a casinha branca lá no alto da montanha, dominando a planicie, só, encantadoramente só; alli, ao esfumar-se a tarde, um rebanho alvacento que recolhe ao curral; lá adiante, já por noite fóra, o tradicional e divertido *samba*, tão cheio de attractivos para a gente da roça.

Emfim, Baptista Cepellos é poeta carinhoso e artistico, que vem de abrir novos horisontes á poesia nacional.

O apparecimento dos BANDEIRANTES é, pois, um acontecimento na literatura indigena, e de que todo o Brasil se deve orgulhar.

(*Do « Commercio de S. Paulo »*.)

*
**

... Cabe a Baptista Cepellos, o extraordinario cantor dos BANDEIRANTES, o maior successo literario da actualidade brasileira.

Revive a patria paulista num poema vigororo e terso, graças á obra de Cepellos, e os louros da consagração já cobrem a fronte do eminente poeta patricio. O joven escriptor, recolhido e modesto, escuta de longe o rumor do hymno triumphal que lhe é levantado, e ao envez de vir jubiloso ao encontro das palmas e dos applausos, esconde-se no ermo, na quietude de uma cidade do interior.

Os BANDEIRANTES são, como bem disse alguem, *Os Lusiadas* da nossa terra.

Deixamos apenas registado em nossas paginas o apparecimento desse precioso livro, que ha de permanecer, demarcando uma phase brilhante na historia de S. Paulo.

(*Da revista literaria o « Echo »*.)

*
* *

Acabamos de receber um exemplar da obra de Baptista Cepellos — Os BANDEIRANTES, com prefacio de Olavo Bilac.

Sobre o valor literario dos BANDEIRANTES diremos mais tarde, com vagar. O que podemos desde já dizer é que Baptista Cepellos produziu um trabalho superior e que a sua Musa é uma Musa victoriosa, porque deu vida a aventureiros e heróes, a esses que no seculo XVII marcharam de conquista em comquista, tendo como unico ideal tornar grande, forte e valorosa esta patria, de cuja civilisação elles foram os pioneiros ousados.

Agradecendo o exemplar recebido, recommendamos a leitura dos BANDEIRANTES.

Livros como este é que a mocidade deve lêr, para que possa trazer sempre vivas, no espirito e no coração, as grandes figuras da historia brasileira.

(*Da « Noticia » de S. Paulo.*)

*
* *

... Sabiamos que em S. Paulo, como em toda a parte e em todos os tempos, onde os primeiros logares eram conquistados pelos *lazzaroni* da critica funambulesca, os homens de valor passavam esquecidos. Mas o que não sabiamos era que S. Paulo guardasse em seu seio um dos maiores poetas do Brasil. Baptista Cepellos, com este livro — Os Bandeirantes — vem, no dizer de Olavo Bilac, rasgar um horisonte novo á poesia nacional. Os Bandeirantes — relicario do mais puro civismo — descortinarão aos olhos da mocidade das escolas os grandiosos paineis da historia de nossa raça, narrando-lhe, em linguagem ajoeirada e fluente, na cadencia da rima, os fastos de seus gloriosos feitos. Esse será um dos maiores triumphos de Baptista Cepellos, que é um vencedor, apezar da gelada indifferança com que os homens do nosso tempo encaram as obras de arte. Laborioso e paciente como um benedictino, mas conservando de pé e sempre firme o seu orgulho feroz de homem acima do commum, Baptista Cepellos apresenta-se hoje como um dos maiores poetas brasileiros.

(*Do « Correiro Paulistano »*.)

INDICE

OS BANDEIRANTES

Paginas

Prefacio 7
Prologo 15
A Matta Virgem 17
O Conquistador 27
A Partida da Monção 43
O Anhanguera 45
O Tieté 49
S. Paulo antigo 53
Ouro Preto 57
A Almeida Junior 59
Tybiriçá 63
O Fundador de S. Paulo 64
No alto do Ypiranga 67
A Carlos Gomes 71
Conversão de Saulo 75
Na Selva 79
As Tribus 83
Guerra dos Emboabas 85
Palmares 91

MUSA PATRICIA

A velha Escola 103
A Procissão 105
Mater magna 111

Paginas

A' Sesta. 115
Panorama agreste 117
Contraste. 119
Tropical. 121
Passeio matinal. 123
O Tigre. 125
Manhã Brasileira 127
A Princezinha. 131
O Batuque. 133
O Samba 135
Evocações. 137
O Campeiro. 139
Flôr Sylvestre 141
Paizagem triste. 143
Suggestão da tarde 145
Beijos de longe. 147
Que pena 151
Candura patricia 153
Maternidade 155
Canções. 157
O Trem de ferro 161
Paizagem Americana 163
A Tapera 165
A' espera 169
Ditosa Patria 171

OPINIÕES CRITICAS

Opiniões criticas 175

Typ. H. GARNIER (Orléans).

19917